

20º Prêmio Literário Paulo Setúbal
Contos - Crônicas - Poesia
(abrangência nacional)

2º Festival de Arte e Cultura de Tatuí



80ª Semana
Paulo Setúbal
DE 01 A 08 DE AGOSTO

Paulo Setúbal - 1943-2022
80 Anos Salvaguardando
A Memória do Escritor Tatuiano

20º Concurso Paulo Setúbal - Literatura e Artes Visuais

TEMA

“O SETE DE SETEMBRO” (1822-2022)

INSPIRADO NA OBRA “NOS BASTIDORES DA HISTÓRIA”, DE PAULO SETÚBAL

Homenagem a Maria José Gonzaga



PREFEITURA DE TATUÍ
PELO TRABALHO VENCEREMOS

Secretaria de
**ESPORTE, CULTURA,
TURISMO E LAZER**



MUSEU PAULO SETÚBAL

O Progresso
O Jornal da Cidade Ternura

20º PRÊMIO LITERÁRIO PAULO SETÚBAL - CONTOS, CRÔNICAS E POESIAS (Abrangência nacional)

CATEGORIA CONTO

1º lugar - Fernando Marques da Silva - troféu e premiação de R\$ 2.500,00
 Obra – “Um Jubileu Eterno”
 São João da Boa Vista / SP
 2º lugar - Luiza Horta Barbosa Juda - troféu e premiação de R\$ 1.500,00
 Obra – “Pokol”
 Maringá / PR
 3º lugar - Márcio Fernandes Maurício - troféu e premiação de R\$ 1.000,00
 Obra – “O Homem do Homem”
 Brasília / DF
 * Prêmio Galardão - Tamires Freire de Carvalho Ramos - troféu e premiação de R\$ 1.000,00
 Obra: “Tanto Faz”
 Tatui / SP

MENÇÕES HONROSAS - CATEGORIA CONTO

Alex Alexandre da Rosa - Jundiá / SP - Obra: “A Chuva Cai Sobre Todos”
 Altemar Felberg - Porto Seguro / BA - Obra: “O Mudo e Seu Falatório”
 Anderson Borges Costa - São Paulo / SP - Obra: “Desapego”
 André Bueno Kaires - Tatui/SP - Obra: Melancolia Andrea Liette Camargo - Tatui/SP - Obra: Transversal
 Camille de Castro Queiroz - Manaus / AM - Obra: “O Sermão do Bêbado Sem Palavras”
 Carlos Alexandre da Silva Rocha - Vitória / ES - Obra: “Zé Outis”
 Cássio Andrade Fonseca - Três Corações / MG - Obra: “Culpa Coletiva”
 Fernando Ernesto Baggio Di Sopra - Porto Alegre / RS - Obra: “A Sapataria Metaliterária de Quintana”
 Luara Batalha Vieira - Salvador / BA - Obra: “Pobre Dolores”
 Lucas Ferreire Rodrigues - Tatui/SP - Obra: A Sagração do Inverno
 Lucas Pereira Novaes - Vitória da Conquista / BA - Obra: “Inúteis Utilidades”
 Lucca Lopes Dias Santos - Anápolis / GO - Obra: “Oligomor-

fismo Distrófico”
 Lucio Rodrigues Junior - Tatui/SP - Obra: Sorte ou Amor?
 Maria Cristina Siqueira - Tatui/SP - Obra: Vida de Cão
 Mariana Borda Anderson Gueiral - Porto Alegre / RS - Obra: “Amor”
 Mariana de Camargo Cecon - Rio de Janeiro / RJ - Obra: “Sirius”
 Odimar Justino Martins Prouença - Tatui/SP - Obra: La Muerte
 Paulo César Silva - Lima Duarte / MG - Obra: “Quo Vadis, Carolina?”
 Raquel Prestes Ferreira de Moraes - Tatui/SP - Obra: A Velha Aranha e a Máquina Mágica
 Rodrigo Diniz Pinto - Belo Horizonte / MG - Obra: “Correlações Espúrias”
 Thais Steimbach Batista - Indaítuba / SP - Obra: “Transtornos”
 Thiago Jose Rodrigues de Paula - Belo Horizonte / MG - Obra: “Pecado”
 Valéria Cristina Gurgel - Nova Lima / MG - Obra: “A Herança do Mistério”
 Vitória Souza Diniz - Luís Eduardo Magalhães / BA - Obra: “Solitária, Fria e Asquerosa: A Vulnerabilidade em Prosa”

CATEGORIA CRÔNICA

1º lugar - Márcio Fernandes Maurício - troféu e premiação de R\$ 2.500,00
 Obra: “Oito de Março”
 Brasília / DF
 2º lugar - Keilla Kalli Carvalho de Oliveira - troféu e premiação de R\$ 1.500,00
 Obra: “É Menina!”
 São Luis / MA
 3º lugar - Tiago da Silva Palma - troféu e premiação de R\$ 1.000,00
 Obra: “Ino te juntas con esta chusma!”
 Suzano / SP
 * Prêmio Galardão - Eduardo Alves de Miranda - troféu e premiação de R\$ 1.000,00
 Obra: “Do Sonho ao Pesadelo”
 Tatui / SP

MENÇÕES HONROSAS - CATEGORIA CRÔNICA

Aldair Ribeiro dos Santos - Boa Vista / RR - Obra: “A Loucura Mora ao Lado”
 André de Freitas Barbosa - Jundiá / SP - Obra: “Cães de Rodoviária”
 Antônio de Pádua Gomes Pimentel - Belo Horizonte / MG - Obra: “Nêlsons Domésticos, Despedidas Comunitárias”
 Antônio Francisco Pereira - Belo Horizonte / MG - Obra: “Felizes Para Sempre”
 Carla Ceres Oliveira Capeleti - Piracicaba / SP - Obra: “Vale Reviver”
 Carlos Carvalho Cavalheiro - Sorocaba / SP - Obra: “Terraplanagem”
 Cláudio Roberto Avallone Sgroi Corrêa - Indaítuba / SP - Obra: “Males Contemporâneos”
 Dário Alejandro Poyanco Bravo - Belo Horizonte / MG - Obra: “Aniversário Dele”
 Demilson Malta Vigiãno - Belo Horizonte / MG - Obra: “Crônica Anacrônica”
 Emily Freitas Pinto - Itapetininga / SP - Obra: “A Varanda”
 Emir Rossoni - Porto Alegre / RS - Obra: “O Tamarão da Mãe Era Enorme”
 Gerson Augusto Gastaldi - São Paulo / SP - Obra: “11º Mandamento: ‘Não Farás Corrupção’”
 José Carlos Barbosa de Aragão - Belo Horizonte / MG - Obra: “Gerações em Choque”
 José Eugênio Borges de Almeida - São Gonçalo do Amarante / CE - Obra: “Voz Calada”
 Leonardo Vieira Soares - São Paulo / SP - Obra: “A Janela dos Tempos Idos”
 Letícia dos Santos Souza Cruz - Niterói / RJ - Obra: “Objeto-Mulher”
 Lucas Alves Litrento - Maceió / AL - Obra: “Ainda no Útero”
 Lucas Mello Pioner - São José / SC - Obra: “A Agradeza da Crônica”
 Lucas Turino Silva - Londrina / PR - Obra: “Um Faroeste do Dia a Dia”
 Lucênio Lopes da Anunciação - Canela / RS - Obra: “Reflexões Sobre a Guerra”
 Lucio Rodrigues Junior - Tatui/SP - Obra: Um Celebre Convidado para o Jantar
 Marco Antonio Fernandes Arantes - Florianópolis / SC - Obra: “Composição Escolar - O Cachorro”
 Maria Regina Prieto Sementino Bomfim da Silva - Teodoro

Sampaio / SP - Obra: “Cidade Maravilhosa”
 Mauro André Oliveira - São Paulo / SP - Obra: “Às Vezes”
 Pedro César Silva - Lima Duarte / MG - Obra: “O Clichê Perfeito”
 Paulo Luiz Dias Galuchi - São Paulo / SP - Obra: “Quero Morrer no Verão”
 Raquel Santana Martins Mueller Cesário Pereira - Florianópolis / SC - Obra: “Diário da Quarentena”
 Ronaldo Dória dos Santos Júnior - Rio de Janeiro / RJ - Obra: “Sobre o Amor, Desamor”
 Schleiden Nunes Pimenta - Bernardino de Campos / SP - Obra: “Ode Ao Covarde”
 Vanessa Pinto Lemos dos Santos - Salvador / BA - Obra: “Engarrafamentos”
 Vicente Geraldo de Melo Neto - Brasília / DF - Obra: “Crônica do Cotidiano”

CATEGORIA POESIA

1º lugar - Valéria de Cássia Pisaurro Lima - troféu e premiação de R\$ 2.500,00
 Obra: “Três Destinos”
 Campinas / SP
 2º lugar - Natália Lourenço Ribeiro Medeiros de Santana - troféu e premiação de R\$ 1.500,00
 Obra: “Meu Menino”
 São Paulo / SP
 3º lugar - Sandro Pereira Silva - troféu e premiação de R\$ 1.000,00
 Obra: “Processualidade”
 Rio de Janeiro / RJ
 * Prêmio Galardão - Renato José de Almeida Mello - troféu e premiação de R\$ 1.000,00
 Obra: “Palavra, Verve de Meu Ser”
 Tatui / SP

MENÇÕES HONROSAS - CATEGORIA POESIA

Alan Salgueiro de Souza - Nova Iguaçu / RJ - Obra: “Poesia de Passagem”
 Alison Pereira Nolasco - Sarzedo / MG - Obra: “Domingo”
 Amanda Kristensen de Camargo - Cascavel / PR - Obra: “Lótus”
 Andrea Liette Camargo - Tatui/SP - Obra: Escrita

Angel Cesar dos Santos Cabeza - Rio de Janeiro / RJ - Obra: “Metró”
 Carolina Cunha Pereira Fruituoso - São Carlos / SP - Obra: “Conjugação”
 Dario Alejandro Poyanco Bravo - Belo Horizonte / MG - Obra: “Moléculas”
 Gabriel Eduardo Bortulini - Porto Alegre / RS - Obra: “Poema Fiado”
 Gláucia Carriel Garcia - Tatui/SP - Obra: Medo
 Isabela Ramos de Souza - Tatui/SP - Obra: Adolescência
 Jorge Bheron Rocha - Fortaleza / CE - Obra: “S de Amor”
 José Carlos Barbosa de Aragão - Belo Horizonte / MG - Obra: “George Floyd”
 José Eugênio Borges de Almeida - São Gonçalo do Amarante / CE - Obra: “Ulo”
 Kissiã Muzy de Souza Mello - Nova Friburgo / RJ - Obra: “Sobrevivi?”
 Loriane Comeli - Tatui/SP - Obra: Soneto de Reparação
 Lucas Mello Pioner - São José / SC - Obra: “Diálogo Às Portas do Céu”
 Luiz Henrique Aguiar - Magé / RJ - Obra: “De Portas, Janelas e Cadeados”
 Maciel Viana Albuquerque - Garanhuns / PE - Obra: “Visão de Tarde Chuvada”
 Márcio Prado - Cerquillo / SP - Obra: “Elegia 2019”
 Mathews Rescotto e Silva - Jundiá / SP - Obra: “Ao Conclava da Democracia”
 Odimar Justino Martins Prouença - Tatui/SP - Obra: Equilíbrio inconstante
 Petrus Chaves Gaspar de Moraes Faria - Belo Horizonte / MG - Obra: “Tropicalidades”
 Reinaldo da Silva Fernandes - Brumadinho / MG - Obra: “Por um Espaço de Felicidade Esparsa”
 Rodrigo Domit - Jaraguá do Sul / SC - Obra: “Confidências”
 Tiago Gonçalves Camargo - Tatui/SP - Obra: Ego.fonia”
 Viviane Ferreira Santiago - Ferraz de Vasconcelos / SP - Obra: “Segredos de Família”
 *Prêmio Galardão: destinado única e exclusivamente a obra de autor(a) nascido(a) ou residente há mais de dois anos na cidade de Tatui/SP

CONCURSO PAULO SETÚBAL - LITERATURA E ARTES VISUAIS

CATEGORIA ENSINO FUNDAMENTAL (1º E 2º ANO) - ARTES VISUAIS

1º LUGAR: Clara Lis Prestes de Paula - medalha, certificado e premiação de R\$ 600,00
 Emef “Firmo Antonio de Camargo Del Fiol”
 Diretor(a): Elenice da Mota Couto
 Professor(a) contemplado(a) pelo edital: Marisa Aparecida de Oliveira Fernandes
 2º LUGAR: Isabela Furtado Soares - medalha, certificado e premiação de R\$ 400,00
 Emef “Profª Sarah de C. V. dos Santos”
 Diretor(a): Maria Ester Gaspar do Nascimento
 Professor(a) contemplado(a) pelo edital: Ana Cláudia Cândido Silveira
 3º LUGAR: Gabryella Vitória Inácio Ferreira - medalha, certificado e premiação de R\$ 300,00
 Emef “Profª Magaly Azambuja de Toledo”
 Diretor(a): Regina Estrela Abreu Delarole
 Professor(a) contemplado(a) pelo edital: Adriana Correa Camargo

MENÇÃO HONROSA: certificado para os alunos:

Ana Laura Seide Rodrigues - Emef Prof. Accácio Vieira de Camargo” - Professora Maria Elaine Bueno Gurgel
 Davi de Almeida Alves - Emef Profª Maria da Conceição de Oliveira Marcondes - Professora Rossana Campos Orsi de Souza
 Davi Tozzi da Costa - Emef Profª Maria da Conceição de Oliveira Marcondes - Professora Rossana Campos Orsi de Souza
 Guilherme Henrique de Campos Vieira - Emef Prof. Accácio Vieira de Camargo - Professora Maria Elaine Bueno Gurgel
 Karolliny Vitória Domingues Machado - Emef Eugênio Santos - Professora Caroline Gonçalves Antunes Orsini Carlos Suzane da Costa Silva - Emef Prof. Accácio Vieira de Camargo - Professora Maria Elaine Bueno Gurgel
 Tauany Vitória Leme de Oliveira - Emef Prof. Accácio Vieira de Camargo - Professora Elis Regina Prestes Barbosa
 Theo Kitaoba Nogueira - Colégio Anglo Tatui - Professora

Teresa Cristina Batista
 Yohan Toledo de Carvalho - Emef Profª Maria Eli da Silva Camargo

CATEGORIA ENSINO FUNDAMENTAL (3º, 4º E 5º ANO) - ARTES VISUAIS

1º LUGAR: Ana Izabelly Brito Garbin - medalha - certificado e premiação de R\$ 600,00
 Emef “Prof.ª Teresinha Vieira de Camargo Barros”
 Diretor(a): Ana Paula Camargo Bonassoli
 Professor(a) contemplado(a) pelo edital: Angélica Prestes Ferreira Camargo
 2º LUGAR: Yago Rafael Ribeiro Modesto Bueno - medalha, certificado e premiação de R\$ 400,00
 Emef “Profª Maria Eli da Silva Camargo”
 Diretor(a): Maria Aparecida de Almeida
 Professor(a) contemplado(a) pelo edital: Elis Regina Prestes Barbosa
 3º LUGAR: Aime Vitória Rodrigues Lima - medalha, certificado e premiação de R\$ 300,00
 Escola: Emef “Prof. Accácio Vieira de Camargo”
 Diretor(a): Miriam Lopes de Oliveira Rodrigues
 Professor(a) contemplado(a) pelo edital: Maria Elaine Bueno Gurgel

MENÇÃO HONROSA: certificado para os alunos:

Amanda Jancosky Vieira - Emef Profª Maria Helena Machado - Professora Elaine Pedroso de Marchi
 Ana Helena Monteiro Martins de Souza - Colégio Anglo Tatui - professora Tereza Cristina N F Batista
 Lucas Resende Miyashita - Colégio Anglo Tatui - Professor contemplado: Teresa Cristina Neves Fonseca Batista
 Camila Pereira da Silva - Emef Profª Accácio Vieira de Camargo - Professora Maria Elaine Bueno Gurgel
 Gabriel Soares da Silva - Emef Eugênio Santos - Professora Silvia Canto
 Igor Augusto Manoel - Emef Profª Maria Eli da S. Camargo - Professora Elis Regina Prestes Barbosa
 Isaac Fernandes Vieira - Emef Profª Maria da Conceição de Oliveira Marcondes - Professora Rossana Campos Orsi de Souza

Isabelly Vitória Alves Negreiros - Emef Profª Magaly Azambuja de Toledo - professora Adriana Correa Camargo
 Isadora Martins Dias Lopes - Emef Profª Maria Eli da S. Camargo - Professora Elis Regina Prestes Barbosa
 Jhessyca Oliveira de Paula - Emef Profª Lígia Vieira de Camargo Del Fiol - Professora Denise Martins

CATEGORIA ENSINO FUNDAMENTAL (6º E 7º ANO) - LITERATURA

1º LUGAR: Maria Isabella Sebastião Pais - medalha, certificado e premiação de R\$ 600,00
 Obra: “Nos Bastidores da História, O Sete de Setembro que Ninguém Contou”
 PEI “Profª Ary de Almeida Sinisgalli”
 Diretor(a): Camila de Jesus Garcia Rinaldi
 Professor(a) contemplado(a) pelo edital: Cristiane Silva dos Santos
 2º LUGAR: Vinicius Della Terra Ramos Rodrigues - medalha, certificado e premiação de R\$ 400,00
 Obra: “Filhos da Independência”
 Colégio Anglo Tatui
 Diretor(a): Luiz Antônio Rossi
 Professor(a) contemplado(a) pelo edital: Mariana Calviño
 3º LUGAR: Maria Clara Soares / Grasielle Silva Miranda - medalha, certificado e premiação de R\$ 300,00
 Obra: “O Sete de Setembro”
 Emef “Profª Eunice Pereira de Camargo”
 Diretor(a): Paola Rodrigues Nunes
 Professor(a) contemplado(a) pelo edital: Alessandra de Sousa

MENÇÃO HONROSA: certificado para os alunos;
 Maria Alicia Teles de Oliveira - NEBAM “Ayrton Senna da Silva” - Professora: Patricia de Fátima Soares
 Matheus de Souza Silva - PEI Chico Pereira - Professora: Daniela Campos

CATEGORIA ENSINO FUNDAMENTAL (8º E 9º ANO) - LITERATURA

1º lugar: Tais Araújo de Oliveira - medalha, certificado e

premiação de R\$ 600,00
 Obra: “Independência ou Morte?”
 PEI “Chico Pereira”
 Diretor(a): Marco Antonio Vieira
 Professor(a) contemplado(a) pelo edital: Tatiana Pereira Bezerra
 2º lugar: Danielle Machado - medalha, certificado e premiação de R\$ 400,00
 Obra: “O Sete de Setembro”
 Colégio Gênesis
 Diretor(a): Miriam Rocha Cubas de Oliveira
 Professor(a) contemplado(a) pelo edital: Rosana Soares Martins de Faria
 3º lugar: Lívia Martins - medalha, certificado e premiação de R\$ 300,00
 Obra: “Independência do Brasil”
 Emef “Maria Helena Machado”
 Diretor(a): Maria Heloisa Leite Almeida de Oliveira
 Professor(a) contemplado(a) pelo edital: Gabriel Rodrigues Narkevicius

MENÇÃO HONROSA: certificado para os alunos;

Thauan Vinicius Ferreira Ramos - PEI Chico Pereira - Professora: Daniela Campos
 Mariana Emily Matias de Azevedo - PEI Barão de Suruí - Professora: Ismael Cleto
 Mateus Peixoto Pinguer - PEI Barão de Suruí - Professor: Ismael Cleto

CATEGORIA ENSINO MÉDIO - LITERATURA

1º LUGAR: Murilo de Barros Lobo - medalha, certificado e premiação de R\$ 600,00
 Obra: “Queluz, 1 de novembro de 1833”
 Colégio Anglo Tatui
 Diretor(a): Luiz Antônio Rossi
 Professor(a) contemplado(a) pelo edital: Mariana Calviño
 2º LUGAR: Jhennefer Nataly Oliveira de Paula - medalha, certificado e premiação de R\$ 400,00
 Obra: “A Independência da Nossa Nação Brasileira”
 FATEC Professor Wilson R R de Camargo - ETEC Sales Gomes
 Diretor(a): Rossana de Camargo Barros
 Professor(a) contemplado(a) pelo edital: Renata de

Fátima Nunes

3º LUGAR: João Pedro Dyonisio Santos - medalha, certificado e premiação de R\$ 300,00
 Obra: “Missão dos Correios”
 Colégio Gênesis
 Diretor(a): Miriam Rocha Cubas de Oliveira
 Professor(a) contemplado(a) pelo edital: Cristiane Tereza Cornélio Vicenzi

MENÇÃO HONROSA: certificado para os alunos;
 Nicolas Henry Kusnir - PEI Profª Ary de Almeida Sinisgalli - Professora Maria Luiza Arena
 Yasmin Silva de Azevedo - ETEC Sales Gomes - Professor: Fernando de Jesus da Costa
 Nicolas de Campos - Colégio Gênesis - Professora Cristiane Tereza Cornélio Vicenzi
 Emanuelle Maria Vieira dos Moraes - FATEC Professor Wilson R R de Camargo - ETEC Sales Gomes - Professora: Renata de Fátima Nunes

CATEGORIA EJA - LITERATURA

1º LUGAR: Patrícia Diniz - medalha, certificado e premiação de R\$ 600,00
 Obra: “O Sete de Setembro, o Grito”
 Emef “João Florêncio”
 Diretor(a): Edna Dalva dos Santos Oliveira
 Professora contemplada pelo edital: Janaina Antônia Machado
 2º LUGAR: Rosi Rosa da Rocha - medalha, certificado e premiação de R\$ 400,00
 Obra: Liberdade do Brasil”
 Emef “João Florêncio”
 Diretor(a): Edna Dalva dos Santos Oliveira
 Professor(a) contemplado(a) pelo edital: Natalia Keli Silveira Campos
 3º LUGAR: Patrick Adriano Fagundes Sampaio - medalha, certificado e premiação de R\$ 300,00
 Obra: “O Sete de Setembro”
 Emef “João Florêncio”
 Diretor(a): Edna Dalva dos Santos Oliveira
 Professor(a) contemplado(a) pelo edital: Janaina Antônia Machado

Prefeito Municipal

Professor Miguel Lopes Cardoso Júnior

Secretário de Esporte, Cultura, Turismo e Lazer

Cassiano Sinisgalli

Secretária de Educação

Elisângela da Costa Rosa Cecílio

Diretor Executivo do Departamento de Cultura e Gestor do Museu Histórico “Paulo Setúbal”

Rogério Vianna

Comissão do Concurso

Cassiano Sinisgalli
 Cristiano Guimarães de Camargo
 Cristiano Rodrigues da Mota
 Márcia Aparecida de Oliveira Freitas
 Maria Augusta de Abreu Raggio Barbará
 Rogério Donisete Leite de Almeida

Equipe do Museu “Paulo Setúbal”

Emilene Vieira Fiuzza de Oliveira
 Leila Maria Leite Miranda
 Luiz Antônio Fernandes Guedes
 Maria Augusta de Abreu Raggio Barbará

Osias Bispo dos Santos
 Regiane Domingues Francisco
 Reginaldo Cardoso Junior
 Rose Mary Raymundo Falchi

Montagem do tablôide

Reginaldo Cardoso Junior
 Rogério Donisete Leite de Almeida

Edição do tablôide

Empresa de Comunicação Tatui Cidade Ternura

Comissão de avaliação**2º Festival de Arte e Cultura de Tatui**

Edson Aparecido Pinto - Secretaria de Esporte, Cultura, Turismo e Lazer,
 Adriana Afonso de Oliveira - Conselho Municipal de Políticas Culturais
 Flavia Ferreira Machado - Conselho Municipal de Políticas Culturais

Comissão julgadora do 20º Prêmio Literário Paulo Setúbal - Contos, Crônicas e Poesias (abrangência nacional)

Gávea Empreendimentos Culturais

Mônica Taunisses Braga de Oliveira

Comissão julgadora do 20º Concurso Paulo Setúbal - Artes Visuais (abrangência municipal)

Jaime Pinheiro
 Mingo Jacob
 Rodrigo Vieira de Campos

Literatura (abrangência municipal)

Ary Roberto Souza Pinto
 Denise Badim
 Ivan Camargo

MARIA JOSÉ VIEIRA DE CAMARGO MARIA JOSÉ GONZAGA

Maria José Pinto Vieira de Camargo tornou-se, ao longo de sua trajetória, popularmente conhecida como Maria José Gonzaga.

Nasceu em Angatuba (SP), a 10 de junho de 1946. Nascimento: Livro A-11, fls. 445, termo 9750, filha de Zulmira Cardoso Pinto e Joaquim Pinto. Cresceu no sítio dos pais, que viviam da pequena agricultura, até a adolescência.

Aos 16 anos, passou a residir em Tatuí, para que pudesse estudar o curso “Normal” e formar-se professora, profissão que escolheu exercer ainda na infância - escolha essa em que precisou vencer barreiras.

Sua trajetória começou em meados dos anos 50, após concluir a quarta série do ensino primário. Com a dificuldade de acesso ao estudo - algo comum na época -, as famílias não costumavam incentivar as crianças a continuar aprendendo formalmente.

Por conta disso, muitas desistiam e, com o fim do ensino primário, poucas se matriculavam no curso ginásial. Outro complicador era que o aluno interessado em ingressar no curso deveria ser aprovado em uma espécie de exame de admissão. A história de Maria José não foi diferente.

“Eles (a família) achavam que, quando eu terminasse o quarto ano, ia parar por ali. Pronto, encerrou! Falei: “Não! Eu quero fazer o ginásio”. E fiz um cursinho que era à noite. Eu devia ter uns 10, 11 anos, e fui fazer o cursinho, contra a vontade deles”, contou a prefeita ao jornal “O Progresso de Tatuí”, em entrevista para o caderno especial “O Progresso da Mulher”, publicado em 2018.

Com o curso ginásial concluído, era a hora de entrar para a “Escola Normal” - curso que formava os profissionais aptos a lecionar. É então que o destino dela começa a cruzar com o do futuro marido, Luís Gonzaga Vieira de Camargo.

Por ser uma cidade pequena, Angatuba não contava com uma unidade da “Escola Normal” e uma amiga da família - coincidentemente, a avó de Luís Gonzaga Vieira de Camargo - incentivou Maria José a fazer as aulas na cidade mais próxima.

Essa amiga, então, ofereceu hospedagem na casa de uma das filhas dela, em Tatuí. A partir desse momento, Maria José estaria hospedada na residência da mãe de Gonzaga, que depois tornou-se o marido dela.

Nos anos de estudo, Tatuí servia apenas de estadia. Ela vinha para a cidade estudar e, nos finais de semana, retornava a Angatuba para ficar com a família.

Com o diploma nas mãos, Maria José lecionou por quatro anos, também em escolas da zona rural, como aquela em que iniciara os estudos primários. Muitas vezes em sítios distantes, ela ia dar aula a cavalo.

Já casada (Casamento: B-12, fls. 19, termo 3693) e morando em Tatuí, Maria José deixou a carreira de professora para ajudar o marido, que havia acabado de adquirir o Escritório de Contabilidade “Santa Cruz”, do qual era funcionário.

No escritório, Maria José trabalhou por 45 anos, sendo que, de 1999 a 2004, com a eleição de Gonzaga ao cargo de deputado estadual, assumiu sozinha a administração da empresa, onde atuou até o ano de 2016.



Maria José, em sua trajetória, torna-se mãe de Alessandra Vieira de Camargo Teles e Juliana Vieira de Camargo Passerani.

Depois de a família já estar constituída, com as duas filhas, vieram os netos João Victor, Pedro Augusto e Giulia, Vittorio e Francesca, a quem tanto dedicara amor e afeto.

Maria José, a menina, a estudante, a mulher, a professora, a esposa, a mãe, a empresária, a avó, a matriarca, a filantropa. Assim sucedeu a trajetória de Maria José Gonzaga, como gostava de ser chamada, pois era assim que se sentia, unida ao marido que tanto admirava e amava.

Ao longo dos anos, família constituída, os empreendimentos empresariais e a vida pública da família Gonzaga foram “acontecendo da forma mais natural”, como descrevia a prefeita de Tatuí.

De 2005 até 2012, com a eleição de Gonzaga para prefeito, Maria José assumiu a presidência do Fusstat (Fundo Social de Solidariedade de Tatuí), e deu início a atuação mais próxima da política municipal.

Durante os oito anos em que também foi primeira-dama, Maria José dinamizou as ações do Fusstat, “buscando o desenvolvimento do cidadão de forma concreta e incentivando o aprimoramento da independência e da melhoria da qualidade de vida”, por meio dos cursos de qualificação e dos projetos sociais - muitos dos quais que chegaram a ser premiados.

A primeira ação dentro do Fundo Social foi a implementação da “padaria artesanal”, curso oferecido com recursos do governo do estado que qualifica profissionais e os capacita para a produção de pães. O curso, posteriormente, tornou-se o “carro-chefe” do Fusstat e abriu espaço a novas capacitações.

As primeiras aulas aconteceram dentro de uma cozinha emprestada, no Lar Donato Flores. O primeiro curso contou com a participação de 20 mulheres e, a partir dali, a procura só foi aumentando.

Com o sucesso da padaria artesanal, nasceu o primeiro CPP (Centro de Capacitação Profissional). Com base na vila Angélica - bairro escolhido a partir de estudos e pesquisas -, o projeto passou a oferecer, além de panificação, as capacitações

em costura, artesanato e computação.

Os cursos extras, que foram surgindo, eram ensinados por professores voluntários e com recursos conquistados por meio de doações e dos eventos promovidos pelo próprio Fusstat.

Maria José restaura em Tatuí, como presidente do Fundo Social, o voluntariado, que, segundo definição das Nações Unidas, consiste no “cidadão que, devido a seu interesse pessoal e ao seu espírito cívico, dedica parte do seu tempo, sem remuneração alguma, a diversas formas de atividades, organizadas ou não, de bem-estar social, ou outros campos...”.

Neste contexto, Maria José resgata, em sua gestão, o senso de humanidade, quando uma pessoa pode doar seu tempo a acolher com ternura o outro, seu semelhante, independentemente de classe social.

Nas iniciativas, também idealizada por Maria José, todos os trabalhos das alunas dos cursos de capacitação eram expostos e vendidos. O valor arrecadado era usado para custear as despesas com materiais e investidos em novas qualificações.

O “Chá Solidário” foi um dos primeiros eventos realizados com o objetivo de mostrar os produtos da padaria artesanal e fez tanto sucesso que, a cada nova edição anual, reunia mais participantes.

Seguindo a mesma linha, também surgiram as feiras de tricô, para expor os produtos do curso de tricô à máquina e os bazares de Natal e Dia das Mães, que oferecem os trabalhos manuais e os confeccionados nas demais oficinas (guardanapos com pintura a mão, toalhas bordadas, sabonetes e outros).

Não demorou muito e nasceu o segundo CPP, este com sede no Jardim Gonzaga. O bairro também contava com aulas de artesanato, panificação e pintura em tecido e tricô de máquina.

Com o tempo, os Centros de Capacitação foram aumentando. Em 2012, quando se afastou do Fusstat, ela deixou nove CPPs em funcionamento.

Alguns dos centros destacaram-se com projetos que permitiam muito mais que qualificação profissional. Como no caso do CPP

da vila Esperança, terceiro a ser implantado no município. Lá, do curso de tricô, surgiu a entrega de enxovais para gestantes. Cada kit vinha com um calçãozinho, casaco e manta, todos confeccionados pelas alunas.

Para receber os enxovais, as mães tinham que participar do “Programa Pré-Natal”, organizado pela Secretaria Municipal de Saúde. Os kits serviam para incentivar as gestantes de baixa renda a tomarem os devidos cuidados com a saúde dos bebês.

Além da qualificação profissional, Maria José implantou, dentro do Fusstat, projetos sociais que favoreceram a saúde, a educação e outros setores municipais, abrangendo todas as faixas etárias.

Uma faixa especial ganhou o Projeto Envelhecer com Qualidade de Vida, voltado à terceira Idade, e outra, focado na infância, a Casa de Brinquedos Itinerante, que, inclusive, foi laureada no 2º Prêmio Chopin Tavares de Lima - programa Novas Práticas Municipais, do Centro de Estudos e Pesquisas da Administração Municipal (Cepam). O prêmio tinha o objetivo de recompensar experiências de gestão municipal positivas, de estímulo ao desenvolvimento e à qualidade de vida.

O projeto premiado contava com um ônibus adaptado com som, vídeo, oficinas recreativas e educativas, jogos e brinquedos dos mais variados, figurinos e fantasias, que possibilitam dar vida às personagens das histórias que eram contadas, em um espaço propício para desenvolver o imaginário infantil. O veículo percorria os bairros do município, convidando as crianças e adolescentes a usufruírem de sua estrutura nos horários em que estavam fora da escola.

O Casamento Comunitário, realizado pelo Fusstat, também foi uma das ações implantada por Maria José, em meio ao qual os trabalhos eram acompanhados de perto por ela.

O comprometimento com o município e o setor social, de modo geral, “transformou-se em reconhecimento e, também, em gratidão”, conforme reconhecido pela prefeita. Maria José dizia que as atividades desenvolvidas foram decisivas para que ela pudesse tornar-se a primeira prefeita eleita do município.

Era filiada ao PSDB. A candidatura, porém, veio de forma inesperada, já às vésperas das eleições municipais, sendo formalizada em 12 de setembro de 2016. A indicação do nome de Maria José foi feita com base em pesquisas e por decisão unânime dos candidatos a vereadores e da direção do partido.

Na ocasião, a coligação informou ter levado em conta a experiência social e empresarial da ex-primeira-dama. Em 15 dias de campanha, ela foi eleita com 51,38% dos votos válidos, em uma eleição disputada por outros três candidatos.

Foi a segunda mulher a ocupar o cargo máximo do Poder Executivo de Tatuí e a primeira eleita pelo voto popular - a primeira prefeita de Tatuí, que ocupou o cargo entre 1945 e 1947, foi Francisca Pereira Rodrigues (1896/1966).

Maria José assumiu a cadeira do Executivo e, como primeiro ato, uma mulher de fé, de família e que sempre pedia as bênçãos de Deus para toda sua vida e obra, no primeiro dia útil de sua

gestão, em 2 de janeiro, ao lado do vice-prefeito Luiz Paulo Ribeiro da Silva, reinaugurou o Monumento da Bíblia, na Praça da Matriz.

O monumento foi construído em 1968, na gestão do ex-prefeito Paulo Ribeiro. Foi o terceiro monumento dedicado à Palavra de Deus construído no Brasil.

Maria José Vieira de Camargo, “Dona Maria José Gonzaga”, deixou um legado na história de Tatuí com a marca “Pelo Trabalho Vencemos”. Construiu pontes, melhorando o acesso da cidade dos bairros ao centro, lançou um olhar especial à cultura, abraçou a filantropia, tão presente em sua história, resgatando a autoestima da população tatuiana com projetos do Fusstat, com o Projeto “Abraça Tatuí”, expandindo, para zelar das pessoas que precisam de cuidados de saúde, com o Projeto “Abraça a Santa Casa”. Ainda, na união de forças, possibilitou melhorias na Educação.

Como gestora da cidade, a prefeita deixa assinado o resgate aos sábados do Projeto Música na Praça, ação cultural tradicional na cidade desde os anos 90, que busca valorizar o título de “Capital da Música”.

Realiza a estrutura da Feira do Doce de Tatuí, que passa a ter como objetivo o fomento do empreendedorismo dos produtores de doce, além de promover turisticamente o município como a “Terra dos Doces Caseiros” e estrutura o festival de música, intitulado-o como Festival Capital da Música, tendo como patrono o maestro Antônio Carlos Neves Campos.

A Ponte Pérsio Santi (ponte do Marapé), entregue nas comemorações do aniversário de Tatuí em 2016, além de restaurar as pontes do Jardim Junqueira e Jardim Paulista. Ainda nesse ano, com o apoio da Família Setúbal, deu início à restauração dos monumentos em homenagem à música e a músicos tatuianos.

Revitalizou a cidade com ações de recapeamento, novas construções de ruas e avenidas, merecendo destaque a revitalização da avenida Vice-Prefeito Pompeo Reali.

Em 2017, segundo ano do mandato, entregou a restauração da Capela de São João do Bemfica, marco inicial da cidade de Tatuí e Patrimônio Histórico e Cultural. Na capela, fixou o quadro do Santo Padroeiro, feito pelo artista plástico Mingo Jacob, e ainda setorizou a Biblioteca Municipal “Brigadeiro Jordão”, criando ambientes para as crianças, os jovens, os adultos e a melhor idade, além de restaurar a Galeria de Prefeitos.

Sempre preocupada com o setor da Cultura, abriu as portas do Museu Histórico “Paulo Setúbal”, ampliando a salvaguarda dos Ilustres Tatuianos, por meio de homenagens aos tatuianos que registraram sua história na terra de Paulo Setúbal.

Inaugurou creches nos bairros Santa Cruz, Jardim Santa Emília e Inocoop. E revitalizou 111 leitos da Santa Casa de Tatuí, com o projeto “Abraça a Santa Casa”.

Ainda em 2017, ao realizar a obra de reconstrução da ponte do Jardim Junqueira, foi localizado, por um grupo de trabalho, um local que, ao ser realizada pesquisa histórica, verificou-se ter abrigado o primeiro matadouro municipal de Tatuí.

A prefeita, ao perceber o local, imediatamente sentiu a necessidade de um restauro e revitalização, pois apresentava portas de folha de madeira fixa, uma série de ganchos chum-

bados na parede, usados para pendurar peças de carnes bovinas, e tijolos com características e dimensões únicas, por ser um prédio histórico.

Diante de prédio de grande valor histórico, Maria José e sua equipe iniciaram o planejamento para que o imóvel, o “Matadouro Municipal”, fosse sede do MIS (Museu da Imagem e do Som) de Tatuí.

Inicia-se o projeto de construção do novo paço municipal de Tatuí, com sede na avenida Domingos Bassi, nº 1.000, criando um projeto moderno, atendendo a população tatuiana e acessível a todos os públicos.

No terceiro ano do mandato de prefeita, já com quase 90% de seu plano de governo concluído, revitalizou a marginal do Manduca e a avenida Donato Flores. Revitalizou a pediatria, a nova psiquiatria e criou um novo centro cirúrgico na Santa Casa de Tatuí.

Inaugura o Cate (Centro de Apoio do Trabalho e Empreendedorismo). Nesse ano, amplia a premiação dos certames Paulo Setúbal, com premiação do “Galdão”, aos escritores tatuianos, no Prêmio Literário Paulo Setúbal – Contos, Crônicas e Poesias, de abrangência nacional, e reorganiza o concurso da rede de educação, ampliando de três para cinco as categorias de contemplados.

E, ressaltando o título de Capital da Música, entrega à população o Mural Mosaico realizado pela artista plástica Soraya Rossi Camargo e, ainda, e revitalização da Praça da Santa, marcando a primeira obra de Tatuí como Município de Interesse Turístico, título conquistado em seu mandato como prefeita.

Católica e mulher de muita fé, decretou o tombamento da imagem de São João Batista como patrimônio histórico e cultural do município, que atualmente está salvaguardada na Basílica e Santuário Nossa Senhora da Conceição, a Igreja Matriz de Tatuí.

No último ano de seu primeiro mandato, em 2020, entrega o Complexo Educacional “Professor Acassil José de Oliveira Camargo” e a ampliação do Projeto “Ayrton Senna da Silva”, no bairro Nova Tatuí.

Valorizando a Cultura e a Educação, lança o projeto “Cidade da Música”, de ensino e prática musical nas escolas municipais de Tatuí, em parceria com o Conservatório de Tatuí, o que não pôde ser executado devido à pandemia do Covid-19, que suspende todas as atividades quatro dias depois do lançamento do projeto.

Preocupada com a população vulnerável, é uma grande incentivadora do projeto de apoio às mulheres vítimas de violência doméstica “Patrulha Da Paz”, em parceria com o Poder Judiciário de Tatuí.

Inaugura a UPA (Unidade de Pronto Atendimento) “Dr. Augusto Moisés de Menezes Lanza”, o CIE (Centro de Iniciação ao Esporte “José Edson Leal Leite - ÉDE”) e a Quadra Poliesportiva “Pedro Paulo Silva” (“Paulo Vagalume”).

Preocupada com o patrimônio cultural da cidade e em valorizar seus bens, decretou, em 2020, os tombamentos do edifício-sede do Museu Histórico “Paulo Setúbal”; da Capela Imaculada Coração de Maria, da Santa Casa de Misericórdia de Tatuí; do conjunto arquitetônico e paisagístico da Unidade de Pesquisa e Desenvolvimento de Tatuí “Engenheiro Agrônomo Armando Pettinelli”; e incentivou a abertura do processo de tombamento do Mercado Municipal

“Nilzo Vanni” e do Conservatório Dramático e Musical “Dr. Carlos de Campos”, de Tatuí.

Foi reeleita em 2020, com 58,29% dos votos válidos, para um segundo mandato, no período 2021/2024.

Em seu segundo mandato, cria o 1º Festival de Arte e Cultura de Tatuí, do Museu “Paulo Setúbal”, com apoio da Comissão Organizadora da Semana Paulo Setúbal, a qual sempre mostrou grande apreço e preocupação na difusão e fomento da cultura de Tatuí.

Em janeiro de 2021, é acometida por um câncer no abdômen. Submeteu-se a uma cirurgia no mês de fevereiro e, em seguida, iniciou o tratamento médico. A partir de então, passou a despachar documentos da residência e do hospital.

Em 29 de julho, a prefeita Maria José é internada no Hospital “Albert Einstein”, em São Paulo. A pedido da família e da equipe médica, afasta-se do cargo de prefeita em 5 de agosto, por tempo indeterminado, a partir de ofício encaminhado à Câmara Municipal de Tatuí.

No domingo, 8 de agosto de 2021, por volta das 22h, falece a prefeita de Tatuí, Maria José Vieira de Camargo (Maria José Gonzaga), aos 75 anos. A população tatuiana se enlutou na manhã da segunda-feira, 9 de agosto, com a notícia de falecimento da tão querida prefeita.

O corpo da prefeita Maria José Gonzaga foi velado na então Paróquia e Santuário Nossa Senhora da Conceição, com as presenças de diversas autoridades, amigos e familiares. Lágrimas de saudade e aplausos de gratidão marcaram a entrada da urna funerária, que trazia o corpo da prefeita Maria José.

Carregada pela Guarda Civil Municipal, ao adentrar no corredor central do átrio da Matriz, fez ressoar o sino da igreja e o cortejo de entrada foi acompanhado pelo som das cordas do Trio Bravo Electro e acompanhada pela família e autoridades.

A Santa Missa Exequial da prefeita Maria José Gonzaga foi celebrada pelo padre Élcio Roberto de Góes. “Hoje, nossa querida cidade de Tatuí acordou com essa notícia triste, ou seja, a Páscoa definitiva de nossa prefeita Dona Maria José”, e acrescentou: “Nossa eterna gratidão a Deus por tudo que ela fez por nossa cidade”. O pároco lembrou momentos alegres da presença da prefeita no templo e ressaltou a missa em ação de graças pela sua posse como prefeita da cidade.

Como grande discípula de Deus na terra, Maria José sempre teve certeza de Céu, de eternidade. “Passou pelo calvário, pela dor, pelo sofrimento e pela enfermidade e venceu esse momento experimentando a morte e que agora possa vencer a morte com a vida eterna”, pediu a Deus o padre Élcio.

Numa despedida emocionada, a filha Alessandra, ao lado da irmã Juliana e do patriarca Gonzaga, lembrou a união da família Gonzaga. “Durante sete meses, juntos, intercedemos, nos demos forças, uns aos outros... Enfim, Deus nos recompensa hoje com essa linda e santa celebração.”

E se despediu de Maria José: “Querida mãe, avós, esposa amada! Uma pessoa rara, uma joia preciosa, essa é a nossa mãe, esposa, avó, prefeita. Com uma trajetória de vida brilhante... Se tem uma característica em Dona Maria José é a arte de tocar os corações

das pessoas... Enquanto presidente do Fundo Social de Solidariedade, um dia lá na cidade de Angatuba, meu avô Joaquim profetizou: ‘Maria José, você ainda será prefeita de Tatuí’, e assim se realizou”.

E, entre muitas palavras emocionantes relembrando a história da família que se funde com a história de Tatuí, finalizou: “Que gratidão nós temos a Deus por ter uma mãe, uma esposa, uma avó como a senhora. Uma mulher de história incrível, que, naturalmente, como tudo em sua vida, escreve e deixa registrada uma linda história: de amor, de doação por sua família e por toda uma cidade. E assim, seremos sempre, mãe, uma linda história de amor! Porque, como ela sempre dizia, ‘onde existe amor, Deus aí está, a vida é eterna! E o amor transcende!’. Por isso, amemos, amemos sempre uns aos outros. Exemplo de doação essa é minha mãe... Nossa mãe a joia mais rara que, generosamente, dividimos com toda Tatuí”.

O ex-prefeito Gonzaga, muito emocionado, também se pronunciou ao lado do corpo da tão amada mulher. O patriarca Gonzaga entrega a bandeira de Tatuí a Miguel Lopes Cardoso Júnior, sucessor de Maria José.

Ao som da música que tanto gostava, “Maria, Maria”, deixa o Santuário Diocesano Nossa Senhora da Conceição, para se despedir dos tatuianos. Na Praça da Matriz, reuniram-se às centenas os tatuianos, para também se despedirem, com ternura, da prefeita de Tatuí, quando a entrada da paróquia se adornou com dezenas de coroas de flores em homenagem a Maria José Gonzaga.

Entre as autoridades presentes, destacamos: vice-governador Rodrigo Garcia, secretários estaduais Marco Vinholi (Desenvolvimento Regional) e Flávio Amary (Habitação), deputados federais Samuel Moreira e Vitor Lippi, deputados estaduais Damaris Moura, Edson Giriboni e Maria Lúcia Amary e prefeitos da região (Itapetininga, Cesário Lange, Capela do Alto, Boituva e Tietê).

O ataúde coberto coma bandeira de Tatuí foi levado por um caminhão do Corpo de Bombeiros, que foi seguido de carro por parentes e amigos da prefeita até a rua do Cruzeiro, esquina com a avenida João Clímaco, sendo aplaudida por todos os lugares onde o cortejo desfilava. O sepultamento aconteceu no Cemitério Cristo Rei, na quadra 3D, S/nº, na cidade de Tatuí.

Para seu sucessor, professor Miguel Lopes Cardoso Júnior, ficam as entregas do novo paço municipal; pedra fundamental do centro de capacitação do Fusstat; da Emei “Maria Tereza Vieira de Campos Badin”, no bairro Santa Rita; a nova Base Descentralizada do Serviço de Atendimento Móvel de Urgência (Samu) 192 de Tatuí, na vila Doutor Laurindo; o Centro de Atenção Psicossocial – Álcool e Drogas (Caps-AD), na vila Paulina; o Centro Integrado de Reabilitação de Tatuí (CIR), que será o único da região com gestão municipal; o Ecoponto Sul, no Jardim Rosa Garcia; e o Ecoponto Oeste, no Inocoop; e a nova sede da Vigilância Epidemiológica e do Ambulatório de Infectologia.

Maria José, a menina, a estudante, a mulher, a professora, a esposa, a mãe, a sogra, a empresária, a avó, a matriarca, a primeira-dama, a filantropa. A prefeita de muitos legados!

CATEGORIA CONTO

1º LUGAR - FERNANDO MARQUES DA SILVA - Obra "Um Jubileu Eterno" - São João da Boa Vista / SP

Num importante museu de ciências controversamente pragmáticas e metafísicas, casualmente fundado numa cidade de assaz pragmatismo, dois homens entabulavam entusiasmado colóquio de frente aos mais novos artefatos da seção especial da coleção oficial. A relevância das peças era óbvia, embora controversa. Era óbvia, pois logo se via que estavam devidamente protegidas do público por três robustas redomas de cristal. E era controversa por motivos óbvios. Chumbada no rodapé, uma delgada placa áurica exibía inscrições descritivas cunhadas em tipografia aramaica (na realidade, era só arcaica mesmo). Pouco abaixo, uma frase forjada em sutil relevo de "prata de lei" dava charmosa harmonia histórica ao conjunto. O conteúdo rezava o seguinte: "Para registro, por mérito ao indelével passado, pelo dúbio regozijo ao instável presente, e pelos frutos dourados colhidos num judicioso futuro de glórias, ó prelado jubileu!". Ladeando destramente o epitáfio, logo abaixo e pondo temo à composição, sobressaía a assinatura platinada um tanto quanto espalhafatosa. A caligrafia, notadamente pueril, mais se assemelhava a uma garatuja sem propósito. O mote era erigido em assimétricas letras garrafais e notadamente desproporcionais ao vernáculo corrente. Aduzia-se de personalidade tresloucada ou de mero deboche intrínseco. Via-se no espojo um viés desconexo a qualquer douta instância. De carcaça nada prosaica, estava mais para uma insubordinada caricatura gráfica. Por conseguinte, não deixava de ser quase um motejo à acepção léxica (estava mais para disléxica), pois detinha cantos grotescamente arredondados e debruns agudos plúmbeos. Nominava-se pura e simplesmente: "Viajante Infectado".

- Ele se intitulava "Nobre Centurião, o Viajante do Tempo". Insistia que viera do ano 3019 para uma infame solenidade milenar - disse com repulsa um dos homens, franzindo o sobrolho, enquanto fitava as figuras expostas cenicamente. Prosseguiu: - Era arrogante, esnobe, pérfida... um calhorda! Vivía se gabando. Dizia que nossa sociedade era primitiva... um cancro... verdadeiro milagre ainda estar de pé. - Sem ser interrompido, foi além: - Fez visitas pontuais a lugares onde seus ancestrais habitaram, como Wuhan, na China. O impolido provou de nossa comida, bebeu de nossa água, desfrutou (fartou-se o quanto pôde) de nossa hospitalidade... e depois de tudo, ainda nos achincalhou. Foi doentio (um verdadeiro sarcasmo escrachado) dizer que nos trouxe de brinde uma "gripezinha"; e que por sermos criaturas débeis, lamentou que seu presentinho (de grego, é claro) havia se transformado numa das piores pandemias do milênio. O maldito era o infeliz portador do abjeto vírus "Covid-19". Alguém já tentou imaginar a incrível contradição que envolve alguém vindo do futuro para comemorar a tragédia pandêmica que ele próprio trouxera de lá? Não dá para apreender os insolúveis paradoxos que envolvem o tempo, verossímil ou não o esdrúxulo caso. Essas incongruências lógicas são capazes de dar um nó cego em nossas cabeças inocentemente ignorantes de primatas, não é mesmo? Produzem intensa agitação no fluir do caudaloso rio temporal. O que deveria ser um plácido espelho d'água, logo passa a ser uma pavorosa e indomável correnteza de lava e pedras rolantes. Destarte, nossa imaginação divaga pelas incontáveis coleções de segundos (minutos, horas, dias, anos... éons), e a relativa realidade se esvai da

perspectiva de nossa percepção como mariposas adejando aleatoriamente ao relento.

- Triste saber que vil criatura tenha tocado em terras sagradas de povos tão probos. Seus ancestratos devem estar se remoendo nos féretros - observou seu interlocutor, tentando mitigar a cólera alheia.

- Pois é. E por ojeriza a nós, um tempo após seu arribe, no afã de retornar ao seu futuro "superior", deixou para trás parte de seus "instrumentos de trabalho". Disse que não tínhamos inteligência assaz para entender a sua prestimosa época "divina". Um adendo incontestado da história é que suas malas estavam abarrotadas de souvenirs, joias e relíquias de todo calibre. Com seus truques de prestidigitador barato, até mesmo a Mona Lisa ele surrupiou do acervo do protetorado. O energúmeno ainda teve o cínico atrevimento de tecer escárnios de nosso infortúnio descalabro enquanto debandava num zéfiro com sua "máquina do tempo". O desatinado boçal saiu de "fininho" fugindo pela porta dos fundos, como era de se esperar de um tolhido covarde. Olha que o coisa-ruim ainda teve a desonra de sair pela tangente rezingando desaforos; alguns com tons enigmáticos. Lembro bem quando ele se atreveu a dizer em alto e bom-tom: "Se tiverem alguma capacidade (mas é lógico que não têm), façam bom proveito de nossas sofisticadas criações. Elas são de um futuro impoluto e não deste presente doentio que os tolera, suas desprezíveis catervas retrógradas da idade da pedra lascada!

Espero que não as vendam como sucata, suas amebas acéfalas, organelas execrandas, meias-tigelas sem meios termos, pestes bubônicas e... contumazes perdedores! Mas cuidado para não blasfemar as majestosas leis que regem o Cosmos, hein! Se quebrarem essa perfeita harmonia, vocês vão se extinguir num átimo. Advirto-os, cabeças duras de mamonas verdoengas insubordinadas que podem virar mera história deletada, assim como os dinossauros, ah! ah! ah!"... E assim, o traste se foi para sempre de nossa realidade. Pelo tempo que permaneceu por aqui, em nenhum momento deixou de ser um tremendo picareta pedante, deveras arrogante. A maldita criatura parida nos "quintos do inferno" não deixou a menor saudade! Nem o capeta sentiu sua falta; deve é ter soltado fogos quando viu sua jocosa fuga.

- Quanta audácia! Ele realmente nos subjugou...

- Pois é! Porém, seria tão somente mais um doído varrido, um falastrão jogado às traças pelas sarjetas da vida se não tivesse de fato deixado provas irrefutáveis de que era do futuro. Agora veja suas máquinas: um modelador quântico-gravitacional movido a partículas de táquions; uma chave sônica feita de cristais de dilithium e ligas metálicas de nanotecnologia; além de um vade-mécum holográfico ativado por indução termoelétrica. Mas é claro que o que temos aqui são réplicas, pois, nesse exato instante, com o auxílio dos misteriosos itens, nossos melhores cientistas finalizam a construção de uma das muitas máquinas descritas no manual. Demorou bastante para decodificarmos seu intrincado vernáculo, mas logramos sucesso na empreitada.

- E onde estão os originais, Professor?

- Ah, sim, claro. No Instituto de Tecnologia Avançada (...). A essa altura, nosso pessoal trabalha para desvendar sua real função, já que o livro é omissivo a esse respeito. Tanta empáfia que se esqueceram de explicar o item mais importante do projeto.

- Quiçá isso fosse sobremaneira óbvio para essas

pretensas criaturas "superiores", Professor.

- Pode ser, acólito. Pode ser. Enquanto isso, no Instituto de Tecnologia...

- Os resultados já foram compilados pelo computador central, Doutor Borg. E o que faço com a versão física do "Manual do Tempo"?

- Não é mais relevante, técnico Tiberius, agora que já o temos na versão binária. Até pode arquivá-lo algures. Só não o conspurque nalguma "fogueira da inquisição", hein.

- É, Doutor... Acho que o Viajante deve achar que somos tão atrasados a ponto de incinerarmos nossas preciosas bibliotecas, não é mesmo?

- Uma péssima herança dos idos nebulosos... Mas não somos um espelho da obscura "era das trevas".

- Assim como a sociedade do famigerado "homem do futuro" também não será nosso reflexo, Doutor.

- Correto, correto, meu rapaz. Contudo, se forem tão presunçosos como o "ignóbil ser vil", é um milagre ainda medrarem por lá, não acha, técnico Tiberius?

- "Pura sorte" talvez fosse o termo mais apropriado...

- Mandé aprontar a máquina, alferes! Vamos mostrar ao pseudovate do que somos capazes.

- Imediatamente, senhor! Com certeza mostraremos a eles!

Mais tarde, com todos os apetrechos devidamente montados, parafusados, encaixados, etc., nos exatos termos exarados no manual de outra era, uma plateia de renomados cientistas, diretores, técnicos, professores e pessoal de suporte, apinhava-se à frente do produto do labor. Ali no palco central do hangar de testes estava erigida uma colossal máquina de aspecto burlesco que crepitava emanando raios pela couraça plúmbea.

- Está com o dispositivo? - indagou o diretor-mor, trespassando pela convulsiva turba à Moisés. Trazia consigo o grão-guardião de um dos artefatos. Os metros que os separavam da máquina foram trotados num instante apreensivo de redobrada ansiedade.

- É claro, é claro. Está bem aqui - anuiu o emérito professor de arqueologia, encarregado de acrescentar a "cereja no bolo".

- Muito bem, professor Guaracuí. O senhor nos daria a honra de "ligar os motores"?

- Com prazer, diretor Katsura!

Com extrema cautela, o professor retirou do bolso o artefato-chave. As mãos em cunha, quase como um ato de sacrilégio, começaram a içá-lo à reentrância principal. Mas, a 1/3 de côvado, alguns cristais incrustados em sua disposição se iluminaram, indicando uma automatização em curso. Sem que aferisse volição, o instrumento se desprende da palma e passou a flutuar por vontade própria. E sob uma completa inércia, fluiu até a fenda-escopo, ali se encaixando rápida e precisamente.

Ao se fixar na tez metálica, um guincho seco mostrou que o emboque tinha se procedido de forma matemática e a máquina tinha sido efetivamente acionada. Um zumbido de baixa amplitude corroborava a atividade encetada. A melodia se traduzia numa mecanicidade laborativa de excelência. Pela notória sonoridade aludada, logo se denotava tratar de uma engenharia metódica e excessivamente polida.

Concomitante ao palro, emanou da superfície maquinial uma densa aura eletrificada e carregada de luzes multicoloridas. A composição era extremamente coruscante, gerando insuportável desconforto visual aos presentes. Mas o pior ainda

estava por vir. Subitamente, num poderoso pulso de energia, o espectro golfou às alturas. O chão tremeu. Os céus trovejaram. Depois tudo emudeceu. Tudo estancou. O tempo deixou de correr.

A multidão, antes sófrega, cheia de regozijo nas faces, e sob o efeito mágico da mecânica quântica (ou qualquer outra ciência de desmedido disparate prático), petrificou-se, absorta numa coleção de estátuas marmóreas. E a síncope não se restringiu ao perímetro, pois a esdrúxula energia espargiu freneticamente em todas as direções galgando terreno de forma vertiginosa. Após acaçapar completamente as dependências da instituição, num estalar de dedos, abarcou toda a pragmática urbe. Outrossim, congelou cada mínimo movimento das coisas existentes - vivas e inanimadas.

Toda a vida - absolutamente tudo! - se calou frente à catatonia temporal. Assim, foram pegos de surpresa pessoas que tagarelavam ao relento... pássaros que batiam asas no gélido ocaso... sons harmônicos do farfalhar das árvores... ribeirões rasos que serpenteavam placidamente os campos verdejantes... máquinas que rangiam de forma cacofônica... gatos que miavam frente à tigela de leite... quadrúpedes que pastavam alheios ao pandemônio... insetos que zumbiam aqui e acolá... borboletas que adejavam sem rumo... mulheres que reventavam outra vida... torcedores que aplaudiam a vitória do time local na penúltima divisão do campeonato... o prefeito que sancionava projetos de importância duvidosa... aviões que cruzavam a cidade a 15 mil pés... carros que avançavam o farol vermelho para ganhar meio segundo de vantagem... bicicletas desgovernadas que se equilibravam precariamente com seus condutores cheios de azáfama... casais que discutiam sem quaisquer motivos relevantes... o vendaval que fazia bater janelas e portas... o apito de guardas que admoestavam abomináveis irregularidades no trânsito... o Sol que abandonava covardemente a cidade... a Lua cheia que despontava à leste do horizonte como a guardiã da noite... o discreto cintilar de algumas estrelas que começavam a emergir pela abóbada celeste... a sufocante poluição atmosférica que insistia em vir da capital... a estridente sirene da ambulância que levava mais uma vítima da pandemia... o providente alarme das fábricas lembrando os funcionários que o expediente se encerrava... Ademais, eternizados numa chapa fotográfica, cachorros ainda ladravam sorridentes para seus donos, e crianças ainda corriam ludicamente por passeios e praças. Enfim, TUDO PAROU naquele exato azo! Logo, o fenômeno se alastrou por cidades vizinhas. Depois abrangeu toda a comarca. Não tardou a abarcar o estado inteiro, espargindo imediatamente por todo o país. Após, migrou instantaneamente para o planeta inteiro, que parou de girar. E ainda foi além...

Por conseguinte, aquele insólito momento foi eternizado num mero grão de poeira fractal dicitomicamente esquecido na história. Foi o fim do ciclo da vida. Nada prosperou depois. Tudo foi implacavelmente deletado. Nada existiu depois. Tampouco o tempo do insolente Viajante Infectado foi poupado. De forma enigmática, sua época "superior" foi intransigentemente apagada da história.

Quanta ironia, não? Mas um castigo merecido, seria a conclusão unânime bradada em coro pela plateia abespinhada. Pena não haver na face da Terra uma só alma penada para dizer essa vexatória verdade.

CATEGORIA CONTO

2º LUGAR - LUIZA HORTA BARBOSA JUDA - Obra "Pokol" - Maringá / PR

As repetidas batidas do pé de outro pobre paciente ressoavam no banco de plástico em que Satã estava sentado. "Por que diabos o médico está demorando tanto?" - Questionou um senhor ao seu lado, ele sorriu com a ironia daquela pergunta. Satanás esperava por uma consulta há mais de duas horas. Estava ali porque, após um acontecimento que se deu na tarde anterior, acreditava estar perdendo a fé na maldade e perversidade do mundo. Fatos que constituíam sua própria existência. Algo estava errado com ele. E, como qualquer outro, precisava de atenção médica.

Pensou, mais cedo, em ir no psiquiatra, mas sempre os considerou o epítome da reencarnação do mal e não queria passar vergonha na frente de seu próprio povo. Por isso, estava aqui, no postinho, no banquinho de plástico, esperando.

Já havia tentado chamar a atenção da enfermeira mais de uma vez, mas ela o ignorava, demonstrando seu desgosto toda vez que passava pelos possíveis enfermos. O que era, no mínimo, estranho, pois ela mesma tinha uma feição horrenda. Seus cabelos gordurosos estavam presos num coque mal feito e seus olhos pareciam esbugalhados contra o par de óculos sujos que usava numa corrente ao redor do pescoço. Ela o lembrava de alguém.

Assim, em outra tentativa de ser atendido, apesar dos melhores esforços da recepcionista, Satã bate na porta do consultório, tentando apressar a consulta. A princípio, acredita que aquilo de nada havia adiantado, mas então escuta um enfermeiro de voz nasalada, com nariz grande e pontudo, sair da saleta e chamar o próximo coitado da fila. A enfermeira, que agora ele reconheceu parecer uma das moiras, puxou, contrariada, uma maca em direção ao consultório recém-ocupado. Finalmente! Pensou ele, a fila estava andando.

O homem entrou e depois de algum tempo, Satanás, como príncipe das trevas, em toda sua onisciência e glória, sentiu que alguém raspava a porta de seu reinado. Era o amaldiçoado paciente, que morria e voltava à vida, provavelmente, com ajuda de um desfibrilador. Aquilo ia demorar mais ainda. Mas que inferno!

Depois daquele evento, o tempo não parecia passar. O paciente havia morrido e, desde então, nada de excitante havia acontecido. O relógio preto pendurado na parede à sua frente não funcionava, o que contribuía ainda mais para sua melancolia.

Dor e tédio no mesmo lugar, lembrou ele, era como se estivesse em casa.

Uma hora mais tarde, metade dos pacientes havia, para sua felicidade, desistido da consulta. Satanás descobriu a razão do acontecido conversando com uma idosa de cadeira de rodas, que se acomodava logo ao seu lado. Ela parecia calma, quase apática em seu estado enrugado. Era um domingo quente, comum no calor ferrenho do Rio do Janeiro, e a velha se abanava tranquilamente com um pequeno leque verde, enquanto assistia a programação da tarde na televisão. Satã se inclinou para frente e perguntou com um tom inquisitivo:

- O que te traz aqui, minha jovem?

A senhora o encarou incomodada, como se ele tivesse interrompido um grande evento e não a quarta reprise do programa que passava todo final de tarde. Ela parou de se abanar e, sem nenhuma expressão, disse:

- O ar condicionado - Então, virou-se para continuar seus afazeres habituais.

Satanás reparou que cada vez mais pacientes pareciam ir embora. Pelo jeito, o tempo de espera não valia mais o pequeno intervalo de ar fresco que iriam receber. Havia apenas mais três pessoas à sua frente. Notara que pareciam extremamente velhas, o que realmente significava alguma coisa vindo dele, que estava presente na criação do céu e da terra. Provavelmente, concluiu, morreria antes do atendimento. Haja luz! exclamou ele, feliz com aquele parecer. Seria o próximo!

Mas, agora, aquilo não importava, tinha que se acalmar, seu tempo haveria de chegar. Na sua espera, distraiu-se pensando em como foi parar ali, naquele país de ouro. Sempre dizia que não visitava o Brasil com muita frequência, mas que o brasileiro estava sempre em sua mente. Em 1500, havia falado para Gama desviar de Calicut, porque pecados são mais coloridos que especiarias, e foi assim que tocou os pés na terra prometida pela primeira vez. Ele trocava almas e os outros, espelhos. Foi tudo dourado desde o primeiro dia.

Sempre teve ótimas recordações das poucas vezes seguintes que havia visitado. Lembrava do inverno de 54, quando viu Getúlio Vargas pela primeira vez, tiveram uma conversa muito interessante, apesar de curta, apenas ajudou-o com uma carta, e seguem amigos desde então. Lembrava

de 67, quando ficou com o querido Costa e Silva. Sim, havia conhecido muitos presidentes! Adorara aqueles anos. Sentiu-se em casa! Até que, logo depois, chegou aquela tal de Tropicália, um tipo de música horrorosa, que repercutia o som de um cálice quebrando para qualquer um que escutasse, e teve de ir embora. Existia tortura e existia aquilo.

A última vez que veio foi em 2014, 8 de julho para ser exato, e foi até a um jogo de futebol! Entendia profundamente a beleza daquele povo e não tinha nada a ver com o carnaval, mesmo esse sendo um pokol de verdade! Amava o brasileiro.

Foi nesse momento que sentiu, novamente, preocupação verdadeira. E se nunca mais presenciasse aquela tristeza de novo? Aquele horror que lhe enchia o coração? Caso não encontrasse cura aqui, teria de ir a outros centros. Suíça ou algum outro desses lugares repulsivos, onde a única coisa animadora era a falta de sol e vitamina D.

Permaneceu nobremente amuado por um tempo, após terminar de remanescer o passado. Ainda era um príncipe afinal. Soube, em seguida, ao sair de seus devaneios, que não estava correto. Apenas um daqueles pacientes morreria ainda na cadeira. Mas o que se pode fazer? Pensou ele, não se acerta todas.

Cada vez mais pessoas lutavam contra a morte, ou a favor da vida, e quase metade dos pacientes da tarde perderam, tornando-se novos súditos. Inclusive a velha da cadeira de rodas. Satã sorriu com o prospecto dela não saber se havia sessão da tarde para onde ia.

Ao mesmo tempo, sentia-se triste por estar perto de ter seus medos confirmados. Afinal, supostamente, a bondade estava aqui, o tal do atendente. Quem tentava trazer um homem de volta à vida por tanto tempo? Um homem que provavelmente nem conhecia? Depois de atender mais de trinta numa tarde? Sentia o esforço do médico com cada um dos doentes. Tentando ressuscitar cada alma perdida. A toa, na maioria das vezes. Um arrepiou percorreu seu corpo, aquilo não era nada bom. E, com isso, como se tivesse ouvido um sinal, a parca cortou o fio do último paciente. Havia chegado sua vez.

Quando a porta branca descascada do consultório se abriu, a primeira coisa que Lúcifer notou foi as manchas vermelhas no avental azul descartável do médico, o qual estava amarrado no

nível de sua cintura. Em seguida, mirou mais para cima e percebeu que seu salvador estava com as luvas completamente encharcadas. Gotas grossas de sangue rubro pingavam no chão da pequena saleta, memórias do último paciente. Quando chegou ao nível de sua face, não podia acreditar em tamanha surpresa. Seus olhos lhe deviam enganar. Era Azazel! Seu dedicado companheiro.

O demônio o olhou surpreso, com um afável sorriso no rosto sujo de sangue.

- Meu senhor - bradou ele - Mas o que faz aqui?

- Antes de tudo lhe esclarecer, meu caro - respondeu Lúcifer com uma ansiedade contida - Diga-me tu, o que fazes aqui?

- Eu venho aqui para descansar, meu Mestre. É como se fosse meu segundo trabalho. As pessoas têm um monte desses aqui. Curioso, não?

- Sim, curioso - Respondeu o Diabo, pensativo.

Depois de um tempo, pediu:

- Estimado companheiro, preciso que me confidencie apenas mais uma coisa.

- O que quiser, meu Lorde.

- O que tinha o último paciente?

O demônio exclamou com orgulho:

- Ora, quando chegou, apenas uma virose!

Rindo de seu feito, continuou - Quando saiu, não tinha mais a virose... Nem a vida! Ensinaste-me bem, Mestre.

Satã sorriu em alívio com a resposta do sectário.

- O porquê de estar aqui não importa mais, fiel amigo! Nunca importou! - bradou ele, com vigor restaurado.

- Pois hoje fez o que ninguém nunca foi capaz - enfatizou ele - Restaurou minha fé!

- Bom, Sua Alteza - pausou o demônio, com imenso orgulho por lhe ter prestado serviço - Então, permita-me acompanhá-lo até a saída.

- Mas é claro, querido amigo - respondeu Satanás.

Quando chegaram ao portão de entrada. O demônio mal conseguia conter sua felicidade. Prestou serviço à única força que lhe importava.

- Aqui é nosso adeus, amado fiel - diz Lúcifer

- Que nosso próximo encontro seja em circunstâncias piores.

- Que assim seja, meu Senhor. Nada mais há de ser dito - continuou o demônio, ao propositalmente mirar a direção dos pés, como se olhasse diretamente ao meio do pokol

- A não ser... Glória a Deus!

3º LUGAR - MÁRCIO FERNANDES MAURÍCIO - Obra - "O Homem do Homem" - Brasília / DF

Sempre me incomodou ver obras de arte sem nome. Aquilo de descobrir com os olhos, abraçar com a alma, reconhecer-se. E como se chama? Nada. Sem Título. No ofendido das curiosidades e frustrações. Mas, como essa escrita não passa nem perto de uma obra, nem de arte nem de nada, cisme em não lhe dar nome. E, assim teria ficado. Não fosse ele: o homem necessitado das vontades. Nascendo no meu papel, imaginativamente narrado. O preço foi o de ficar ele mesmo sem nome. Aliás, mentiria se dissesse que eu, homem feito, seria capaz de prever que a história de um homem a se fazer vingaria.

É que acordei com um embuste incomodativo. Uma necessidade de escrever. Sem precedentes. Sem rótulos. Sem sensibilaridades nem pretensões. Só a vontade estranha. E de alguma necessidade contraditória que não era a minha própria. Como a daquele profeta vomitado no seu destino sem saber profetizar. O que dizer dessa indigestão divina? Deus me livre cair numa desobediente teimosia dessas. O que há de se escrever, escrito será! Eu personagem de mim mesmo. Ou não! Apenas se posicionar no teclado: os dedos se encarregariam de coreografar a sina das palavras. Sem pestanejar. Sem se preocupar. Só pensar. Quer sobreviver? Escreva!

Naquele momento, o era uma vez de um o homem então se fez. E ele se pôs a andar. Pela avenida absurda e suja, caminhava. O vento

no rosto. As lágrimas ainda nas glândulas, secas e solitárias. O céu cinza de um sol miúdo a tudo ver, sem nada enganar. Ia indo. Apenas. Sem rumo nem preparação: o ensaio da vida como a apresentação inédita e única. E qual seria a necessidade? Necessário é viver, respirar. O homem necessitava mais. Queria ser alguém. Mas, o vento jogou um saco plástico na sua frente. Rodopiou, rodopiou e parou. À margem do rio, que a avenida longa margeava, apenas seguia seu fluxo lento e observador, resignado. Tudo testemunhava o dia que ele fora despejado. Os filhos na vizinha. A esposa de anos, sabe-se Deus. A mãe, sem remédio nem vacina. Mais uma vítima mecanicamente respirada. Um morre-não-morre incommunicável. Arrasado, ele encontrou a avenida, o rio, a margem, o plástico a bailar. Eram suas poucas matérias. E também seu caminhar, seu desalento, sua necessidade: as verdades quase matérias.

Escrever realmente alarga o tempo. O café até esfriou. Eu, completamente perturbado pela narrativa que brotava assim, mais dos dedos ágeis no teclado do que de uma mente criativa, quis abandonar tudo. Ali mesmo. Sozinho, minha necessidade era arejar as ideias, movimentar os artelhos. Fui-me então à corrida matinal. Mas, nos passos da pista, senti que aquele necessitado me agarrava as entranhas por dentro. Percebi-o junto. Grito no peito, uma dor

peregrina, grávido na alma: era o homem que se movimentava dentro do homem. Pude sentir o bramido interno de quem queria se desvincular do meu corpo, algumas vezes perdido nas bifurcações da vida. Lado oposto de qualquer avenida, de um rio urbano, de uma margem criada. E lembrei-me então de quantas necessidades povoavam a minha própria história. A necessidade de vencer na vida? De matar um leão por dia? De ter filhos e torná-los gente? E aquela de tatuar a pele com o próprio sangue e alguma cor? Meu Deus, era o homem nascendo, errante nas profundezas de um homem - eu mesmo - imerso em crises da própria existência. Seria a maldição que salva, essa de escrever? Fiz meia volta na pista. Precisava tornar essa maldição em salvamento. Salvar os pensamentos que não se escrevem sozinhos. Dar vida a um ser. Ser-lhe a vida. Mas, que fique claro! Essa história é dele, não minha. O necessitado transeunte na verdade quase matéria. Essa verdade que mais dói que liberta. Esse homem que nasce da dor de escrever. Calvário!

Então, no barulho dos carros e da vida que acontecia por todo lado, o homem continuava a andar. Gastava os sapatos na terra batida da margem do rio, margeado pela avenida. Ambos tão marginais, que ele se sentia bem no centro daquele dia áspero e sem sentido.

CATEGORIA CONTOS

Carros que também iam se tornavam marginais à medida que a via ia acontecendo em suas placas, pontes, pichações, presságios e mais placas. Cresciam de encontro, espreitando-o imponentes. Se, ao menos, sua caminhada o tivesse feito desaguar na outra margem... os carros impulsionando o vento a favor. Seriam sinal de que sua vida – sim – andaria para a frente? Ou, mesmo estando naquela outra margem, tão cabeça dura que era, teria pego a direção contrária? E aí, os carros continuariam a vir de encontro. Mas, encontraria outro futuro. Eis o paradoxo da necessidade: quanto menos direção, mais idas e vindas. Lugar-nenhum. Tempo-nenhum. Efeito-nenhum. Por isso, chorou água-nenhuma, num terremoto profundo e seco de um choro. E voltou a se engasgar com a fuligem dos que passavam.

Quando avistava uma ponte, apressava os passos. A seu tempo, cada uma ia se tornando um objetivo, uma necessidade definida – coisas que não tinha desde as sucessivas perdas. Uma das pontes parecia vencida por uma época, mas todas ostentavam seus carros por cima do mesmo rio. Gente – carro – ponte – ele, homem, embaixo. Nessa verticalidade. O que faria se sobrevivesse? Se é que seria humano quando chegasse a algum lugar. Um refúgio, um conforto. E aí poderia confessar todas suas angústias e os esforços fracassados. Conseguiria perdão. Como se fora culpado e não vítima. O certo é que tudo se resolveria. Teria um lar novamente. A mãe a respirar o mesmo ar deles. Os meninos, preocupados em crescer, juntos de volta. A esposa, casada e presente. Mas, lembrou que, quando o mal vem, é normal a alma enjaular-se. E, já que ele mesmo, o homem, misturava-se à poluição e, como uma fumaça se via, deixava a ponte e se lançava à próxima. Avante na via. Sem coragem ainda de encarar o rio.

O sol tolerava com reticências o fim de tarde contrito. Era apenas um velho e desbotado sol tentando cumprir seu papel de sol. Por entre a fumaceira da avenida triste e cheia de automóveis, iluminava quem tinha de iluminar. E castigava sujeitos como ele. Seria muito atrevido tentar ser humano num lugar onde a miséria humana se sobrepõe à própria condição humana? Tentou um impulso qualquer. Mas, o rio lhe olhou duvidoso. E serrou-se de novo na

cara de homem bruto e pecador. A grande aventura da vida foi ter chegado até ali. Do início, não se lembrava. E do fim, ele não saberia. Mas poderia acontecer a qualquer passo. Se lhe fosse dado um próximo passo. Bastasse uma deseducação do escritor. Um enfado. Um desagrado. E lá se ia seu mundo. Mas, disso ele jamais saberia. Então, não corria o risco de pensar. Apenas caminhava. Perto da noite que cairia a qualquer momento.

Em cada ponte alcançada, uns mesmos pássaros lá a esperá-lo. Como que zombando da sua impossibilidade de voar. Esnobou-os. Ele mesmo sim era capaz de voar. Nos sonhos, voava apenas com um impulso. E via tudo como Deus, por cima das cabeças dos homens. Interessante é que não tinha medo da altura. Parecia-lhe só o perigo da vida. O medo, tinha-lhe ainda no chão. Era das negativas. Dar o impulso em falso e não voar. Mas, voava. Livre da gravidade e dos pesares. E vivia alegrias próprias. Foi então que, numa noite em que a cidade se vestia de um veludo azul escuro, avistou um colossal feixe de luz. Voou para lá e entrou. Tratava-se de um ambiente sagrado, podia sentir. Ele, que saía tão pouco, não aceitava convites. Talvez jamais teria estado num ambiente daquele por vontade própria. Como ter vontade do desconhecido? Mas, as asas o levaram. E um caminho central lhe abriu à frente. Separava, de um lado, homens limpos, resignados, piedosos. De outro, cabeças cobertas, enfileiradas em sua imensidão, como pontos de luz. Uma costurada à outra. Eram santas! E vivas! Inúmeras Marias, Anas, Isabéis. Estava tão assim, absorto e agraciado, que num piscar de olhos, viu-se diante de uma delas. Além do véu, o rosto solícito de sua mãe apareceu: “Água viva para a vida eterna! Beba”. Acordou. Ele simplesmente acordou. Acordou com a garganta seca, ávido, enigmático. Mas, atrasado, sem enigmas nem profecias, vestiu-se logo para o trabalho que ainda tinha. Abocanhado pelos negócios, pela rotina da vida. Vivendo um pouco de morte a cada despertar. Sem se dar conta de sonho, água, eternidade. Só tentando se salvar dos acontecimentos que o lançariam no epicentro das derrocadas apocalípticas. Atirando-lhe à margem de qualquer sonho. E, por fim, confinando-o solitário à avenida interminável, à margem de um rio cansado. Embaixo de uma ponte iluminada de verde e azul. Diante

de uma coruja, que, traumatizada, bateu asas e voou.

Naquele instante, eu, mais homem que escritor, despertei-me, ultrajado. Eu mesmo me tomei as dores da coruja. Nem a mim, ele – o nascido de mim – havia me relatado o tal sonho. Tivesse feito, saberia, eu, de cá, designmatizar o enigmático dele. E, por mais estranho que pareça a uma coruja, era sim uma experiência espiritual. Eu interpretaria aquele sonho. Reconheci a ponte. Não havia outra com iluminação verde e azul. É aqui perto, é real. Num salto, troquei o pulsar do cursor na tela branca pelo coração nos pulsos. E o teclado, pela imaginação real nas tēmporas. Precisava encontrar o homem que nasceu da minha necessidade de escrever. É que ninguém nunca antes me obrigara a escrever. Esse homem me impeliu. Ele mesmo forçou a nascer. Saiu à vida. Desembestou-se como todo menino. Atribuiu-se como todo homem feito. Pôs-se a caminhar. E, agora está perto de mim. Com as agruras e necessidades humanas da vida. Perto de mim! Cheguei à ponte, rápido, esgotado. Lá estava ele. A coruja acabara de voar assustada. Desviei o olhar. Ele me reconheceria? Fiz com quem ia conferir o rio. Seu olhar triste me percorrendo. Caminhamos lado a lado. Nenhuma palavra. E nisso ficaríamos. Não fosse certo desejo retrátil, capaz de, caso os corpos se tocassem: fulminar-se-iam mutuamente. Uma astúcia passou-lhe então pelo rosto, eu vi. Numa dissimulada sagacidade, num martírio supremo. Tentava eu dar um fim à narrativa, mas só sei escrever quando estou escrevendo. Ainda em silêncio, ele se virou. Diante dos meus olhos fascinados, ele ali, lado a lado com o rio, como um ectoplasma. Desnudava minha pobreza. E invejava minha existência, meus pensamentos. Não sem dor. “Me ajuda”, disse seu corpo independente. “Estou ajudando”, respondeu minha inércia. Tinha tanto a lhe contar, decifrar, até explicar. Mas, que importa o sentido, se o sentido agora sou eu? Só tive a ousadia de dizer sim. Prometi-lhe dar nome à nossa história. A isso, testemunharam a caminhada, a necessidade, o pavor: as verdades já matérias. Num ímpeto, porém, ele se atirou sobre mim, levando-nos ambos ao fundo do rio.

E voltei a ser o meu único eu.

PRÊMIO GALARDÃO - TAMIRES FREIRE DE CARVALHO RAMOS - Obra “Tanto Faz” - Tatuí / SP

Eram 4h43min da manhã, o relógio iria despertar às 5h, porém não precisou ela estava acordada desde o dia anterior; deitada, mas acordada. Sua mente cheia de planos para o dia que iria nascer roubou-lhe o sono, na verdade ultimamente não era preciso muita coisa para lhe tirar o sono, há tempos tinha que recorrer a certos medicamentos quando queria dormir de fato. Mas não naquele dia, ficar acordada era o que ela mais queria! Já havia contado o número de estampas da cortina que balançava com vento do ventilador, também tinha contado o vai e vem do ventilador e perdido as contas por diversas vezes.

- Vou me levantar, não quero me atrasar. Pensou. O relógio agora apontava 4h55min.

- Daqui 5 minutos o relógio despertará. Refletia com a mente agitada e coração acelerado; queria que o sol aparecesse de uma vez por todas. Levantou, sentou na beira da cama movimentando as pernas à procura do chinelo de pano, se calçou e com passos lentos se dirigiu ao lavabo; debruçou sobre a pia, sentiu gelar a ponta dos dedos, olhou no espelho e sorriu; estava feliz, estava ansiosa.

- É Beatriz, o tempo passou depressa para você. Resmungou baixinho observando o reflexo do espelho. Seu rosto imprimia um pouco mais de tempo do que realmente havia vivido até ali, seus cabelos grisalhos despenteados e esvoaçantes, sua pele sem a firmeza de outrora revelavam muita história para contar. Ligou a torneira; água fria no rosto quente; suspirou, penteou os cabelos ásperos e ralos prendendo como de costume, escovou os dentes que ainda lhe restavam na boca antes de colocar a dentadura. O relógio agora marcava 5h20min.

- Não posso me atrasar! Exclamou baixinho

tentando avisar a si mesma mais uma vez. Abriu o guarda-roupa, passou a mão sobre cada um de seus cinco vestidos; dois deles eram especiais quase nunca os usava, aguardava com apreço a ocasião certa para usa-los; era naquela manhã, era naquele dia! Pegou logo o que mais gostava; seu preferido, verde com flores azuis e brancas, acreditava ser verde a cor da Esperança e tinha paixão por flores. Vestiu-se, voltou ao espelho e resmungou sorrindo:

- Esse vestido é lindo mesmo! Estava feliz, estava ansiosa; olhou no relógio e já eram 6h. Sentiu frio.

- Preciso de um casaco que combine com um vestido. Voltou ao guarda-roupa, suas mãos agora alisavam seus únicos dois casacos: um de linho grosso marrom e quente; outro um suéter cor salmão mais leve e mais fino.

- É esse! Nem está tão frio assim! Disse escolhendo o suéter salmão. Na verdade ela sempre escolhia o salmão, exceto nos dias tristes, pois associava as cores dos casacos ao seu estado de espírito: marrom tristeza e salmão alegria; é, naquele dia com certeza ela escolheria o suéter salmão sem hesitar! Voltou ao espelho.

- Você está linda Beatriz! Disse timidamente batendo duas palminhas.

- Perfume, preciso de perfume! Foi até a cômoda e pegou o único frasco que havia; o mesmo de sempre, o mesmo da época em que seus cabelos eram castanhos e compridos, bem compridos. Aquele cheiro sempre trazia lembranças, de quem havia sido um dia, por isso o mesmo perfume, para fazer lembrar e não deixar esquecer. Borrifadas tímidas para não acabar logo, atrás das orelhas e nos punhos.

- Pronto! Quer dizer, hoje merece umas borri-

fadas mais caprichadas. Borrifou um pouco mais.

- Agora sim! Estava feliz, estava ansiosa.

- Que horas são? Não posso me atrasar! Exclamou como quem está prestes a se desesperar. 6h40min marcava o relógio. Suspirou aliviada, se calçou e estava pronta, pronta para seu compromisso marcado para às 11h.

- Sobrou tempo, melhor assim pelo menos não me atraso!

Caminhou até sua cadeira de balanço e sentou esperando o tempo passar olhando através da janela. A vista à frente dava para o muro quebrado e no vão desse muro uma rolinha havia feito um ninho; Beatriz passava horas de seus dias observando a rolinha sentada em cima de seus ovos; torcia para nascerem logo, queria acompanhá-los nascerem, crescerem, comerem e voarem. Lembrava-se de seus “passarinhos” quando ainda estavam debaixo de suas asas, lembrava-se de quando era ela quem os alimentava e também se lembrava de quando eles alçaram seus voos. Olhou o relógio, 7h30min.

- Nossa, o tempo está demorando a passar. Pensou balançando as pernas num ritmo mais acelerado que o habitual; estava feliz, estava ansiosa.

Alateral da vista da janela à direita dava para uma moita Florida; Beatriz amava flores, passava horas de seus dias observando a Moita de flores amarelas; já havia contado quantas flores havia nela.

- Ontem tinha vinte e sete; hoje, deixe-me ver... vinte e cinco! Duas caíram de ontem pra hoje. Pensou alto. Tinha que contar todos os dias para atualizar a quantidade de flores da moita florida. Lembrou-se da última visita, quando seu passarinho veio e trouxe uma flor; fazia tempo, bastante tempo, mas Beatriz lembrava como se fosse ontem; ah ela lembrava e às vezes chorava

por lembrar; fazia tempo.

- Mas hoje ele vem! Falou convicta batendo as duas famosas palminhas tímidas. A visita era às 11h, o relógio marcava 8h30min.

- Faltam só duas horas e meia; duas horas e meia para ver meu passarinho, tocar, conversar, abraçar... Só duas horas e meia! Para quem estava de fora parecia tempo demais, mas não para Beatriz, ela que havia esperado a noite inteira, dias inteiros, semanas, meses...

- Falta pouco. Disse ela.

A lateral à esquerda da vista da janela dava para um banco, um banco branco de pintura gasta com algumas madeiras do encosto faltando; Beatriz gastava horas de seus dias olhando aquele banco, contava as ripas do assento e do encosto, contava os parafusos e sabia exatamente onde a pintura faltava, lembrava-se de quando chegou à casa de repouso e o banco ainda era novo, a pintura estava em dia e não havia ripas faltando.

- O tempo corrói muitas coisas! Deixou escapar o pensamento pela boca.

Não se referia somente a bancos; recordava de quando se sentava ali com frequência, seus passarinhos vinham com frequência e sentavam juntos naquele banco.

- Mas o banco era muito mais bonito! Sorriu lembrando-se do ninho, da flor, do passarinho que voou... chorou.

- Mas hoje ele vem. Afirmou enxugando a lágrima que rolou sem que tivesse tempo de impedir. 9h40min apontava o relógio.

- Nossa nem vi o tempo passar. Disse recompondo-se e agora sorrindo; estava feliz de novo, estava ansiosa. Batidas na porta:

CATEGORIA CRÔNICA

1º LUGAR - MÁRCIO FERNANDES MAURÍCIO - Obra: "Oito de Março" - Brasília / DF

Não, nunca lhe aconteciam milagres. De ouvir falar, talvez lhe bastasse como alguma esperança. Mas, às vezes, isso também lhe causava revoltas: por que não a mim?

Estava exausta, atirada à poltrona no ônibus. Era mulher. Existir doía. A rosa vermelha embrulhada, foi o chefe que, logo de manhãzinha, andou distribuindo pelo departamento.

Feliz Dia da Mulher! Obrigada, ela toda sem graça nem milagre. O que poderia fazer, valém de sorrir com o canto dos olhos? Gritar: Não me defina! Não me sujeite!? Seja a liberdade a própria substância... que a fazia abraçar com a imaginação todas as mulheres alcançáveis desde a janela do ônibus. Era um oito de março, daqueles que o verão, por saber que seus dias estão contados, castiga. Só um milagre para levar menos de duas horas até sua casa. Fosse feriado, talvez estivesse menos cansada. Jornada dupla, tripla essa de vida de mulher. As feministas fizeram tanto e esqueceram do feriado, pensou num relance.

Enquanto isso, o trânsito ia "garrando" mais e mais, no jeito mineiro de dizer.

Sempre acontecia isso naquele trecho. O sol das seis brigava de frente com o ônibus. E ela congestionada: meio enjoada, meio educada. E os carros andavam. Não mais que dez, vinte quilômetros por hora. E ela fazia contas na cabeça, arquitetava planos por simples curiosidade intensa, lembrava das tarefas e brigas que ainda faltava arrematar. Várias coisas ao mesmo tempo como só as mulheres são capazes, ajuntou-se orgulhosa. E conferia as mensagens no celular. Eram inúmeras, com felicitações por ter nascido mulher. Pudera! Tivesse pensado e não nasceria. Pendeu a cabeça para grudar a testa no vidro da janela embaçada. Começava contando os carros, mas geralmente acabava criando histórias. Era para ver se alguma inesperada surpresa lhe ocorria. E o inconsciente, sem o consciente das coisas, comia um pouco da inércia das horas. O foco do dia: mulheres nos carros, histórias empáticas. Uma história para cada, para que a dela escorresse menos vagarosa e suada, até à noite em casa.

No carro branco que freou bruscamente ao seu lado, uma jovem mãe ralhava com duas meninas que iam no banco de trás. Certa que era Simone e tinha suas razões. E as meninas também tinham as delas. Principalmente a menorzinha, com cara de Jamila. De tanta razão, chorava. Um choro livre de só quem tem três anos pode ter: de lavar a alma e azucrinar os ouvidos. Sim. Porque, no meio

da barulheira do trânsito, e apesar dos vidros fechados, ela escutara bem aquele desespero de choro: muito caprichoso e pouco molhado. Entre as duas, a menina-mulher. Angelina, a irmã mais velha, a espichada de dez anos, com pernas compridas de menina. Ágia como se tivesse dívida de alegria, com risos de moleque e uns olhinhos histericamente maldosos. A bem da verdade, um misto de misticismo, doçura e medo. A faixa na cabeça denunciava algum poder esportivo.

Gente! Angelina tinha aquilo de empoderamento! Afirmava-se no melhor batom fúcia.

E firmava esperta o celular entre as mãos. Quisera ela ter nascido para ser empoderada, meu Deus! Não teve sequer esse milagre. Nasceu na época em que menina se vestia assim, se sentava assim, falava só assim, sim. Mas, se não era de milagres, também não era de corpo mole. Estudava. Trabalhava. E acabara nesse ônibus. Pior sina tinha sido a de sua avó, que só por nascer mulher, fora subtraída do testamento paterno. Aos oito irmãos, nascidos machos, as batatas! À avó, que ainda nem pensava em ser avó naquela época: nem escola, nem profissão, nem direitos. Toda a proteção do clã para o lado de dentro do lar: a menina-moça, figurante na vida: das mãos do pai às do marido. Amém.

Ao sair de si e vaguear pelas lembranças da avó, avançando alguns metros no seu destino, ela nem percebeu que o carro branco das três mulheres já havia se perdido entre a multidão de carros que disputava entre si o banho de luz alaranjada do oitavo sol do mês. Concentrou-se em outra moça ao celular. Ela dirigia um carro de mulher. Não sabia qual era, mas era de mulher. Tinha um rosto fino de Judite. Muito bonita, com o corpo em dia, como diziam suas amigas. Mas, universitária, aflita e Judite. Discutia ao telefone, roxa de raiva. Desligava, escrevia mensagens, acelerava. Atendia novamente o celular.

Chegou a jogá-lo no chão do carro, ao ver que o trânsito parara mais uma vez bruscamente e não podia fazer mais nada. Freava de novo. Essas brigas, ela conhecia bem. Tinha agora um ex-marido fichado na Maria da Penha. Tinha não, porque já não lhe pertencia. Nem o ex nem a vida que havia arrastado ao lado dele. Antes de ser ex, esse sujeito a fizera sair do sério muitas vezes. É que muitas vezes também ele perdera completamente o juízo. E ela carregava as marcas daquele amor invertido, excedido nas sentimentalidades, possessividades,

agressividades. Nunca pensara em desfazer os votos do santo matrimônio, ela, sempre toda cristã. Mas, como nenhum milagre acontecia, denunciou.

Não aguentava mais. Demorou sim, mas agora era uma pessoa humana. Sim, daquelas de direitos. Isso dizia a lei. E sua dignidade haveria de ser respeitada. Não abria mão. E também suas vontades. E, para o bem da sua saúde mental, o ex tinha sumido. Não sem antes tentar falar com ela a todo custo. Implorando reconsiderações. Mas, como reconsiderar desconsiderações violentas? E ela já não via o sujeito há algum tempo. Nem queria mais pensar nele, nem na história amarga, nem na cratera aberta no peito e na existência doída.

O ônibus sacolejou tudo. É pra ajeitar a carga!, gritaram uns rapazes no fundão.

Então, realocada no vidro da janela, e na via banhada agora de um lilás fim de tarde pesaroso, fitou a senhora bem vestida no Uber. Ia mesmo toda senhora de seu conforto.

Rosa seria seu nome: ornava com seu colo bem desenhado, o coque bem feito no grisalho dos cabelos e seu bom perfume. Sim, porque ela era capaz de sentir o cheiro pela imagem.

Toda sua existência ali dentro do carro contestava com o contexto fora do carro. Era uma senhora distinta, que não se deixava alarmar pelas idiosincrasias ao redor. Estava vestida para tomar chá com outras senhoras igualmente bem-nascidas, torceu o nariz conformada. Meu Deus! Que coisa mais antiquada! Não podia permitir que essa história se criasse assim. Percebeu então que estava sendo levada pelas aparências. E sem empatia, nada de histórias. Sabia que os julgamentos podiam revelar muito mais sobre quem julga que da criatura julgada. E suspirou aterrorizada. Tentou dar fim àquela história. Mas, não conseguiu deixar de acompanhar a senhora passageira. E bastou uma nova conexão entre os olhos quase de ressaca. Estava decidida. Não queria a Rosa santificada, nem interrompida. Ela mesma, como criadora de histórias, teria que tirá-la daquele lugar. Sob argumentos de suas próprias vivências. Mesmo que sua vida fosse tão pouca. E seu campo de visão tão raso... tinha certa consciência disso. Sob seus olhos – e sem a nada atinar – Rosa apenas seguia seu destino. Mas, ela – a contadora de histórias – não sofreria de culpa. Nem de alguma tortura eterna. Era uma mulher muito da responsável e a salvaria.

Rosa, coitada, não precisava ser assim nem assado. Num instante, apagou mentalmente a imagem maculada, criada na sua cabeça. Deixa a Rosa ser mulher! Deixa a Rosa ser dona de si. Deixa Rosa ir a um barzinho da moda. O que é que tem? Seria o que bem quisesse.

Uma mulher piedosa e honesta, a caminho de uma congregação. Uma advogada a visitar um cliente em apuros. Uma mulher da vida, só protegida no distinto disfarce. Até uma mãe a atender um chamado afetuoso. E ela não tinha nada a ver com isso. Mas, essa coisa de mãe mexia com ela. Ah, minha mãe, minha mãe... Há anos não a via. Antes de condená-la ao inferno pelo casamento desfeito. Antes de empurrá-la ela mesma para o casamento. Antes de descobrir que fora assediada pelo padrasto e não ter movido uma palha. Antes de fazer absolutamente nada. Antes de tudo na vida. A mãe era mulher. Mas, também já não suportaria pensar nela. Um dia, haveria de ser uma boa mãe. E, então, faria tudo diferente. Teria o milagre do orgulho de poder gerar filhos que fossem seus próprios milagres. E teria olhos compactos de amor. Por enquanto, o coração estava inexpressivo, obstinado, fechado a sugestões. Mas, a qualquer momento, poderia conhecer alguém que falasse sua língua. Bastaria estar viva, em trégua. Seria uma mulher forte novamente. De cabeça erguida e pronta. E haveria de criar suas próprias histórias.

Um arrepiado – seria de felicidade? Quase passou do lugar que deveria descer do ônibus. Mas, já era tão automático, que, num impulso, alcançou a campainha. E o motorista parou domesticado. Sabia que ela descia ali todo santo dia. Num salto, desvencilhou-se do coletivo e do dia. Caminhou sozinha, feminina. Trazia em si todas as Rosas, Judites, Simones, Jamilas, Angelinas. Sentia a noite nos cabelos. E o frescor dos jasmims teimosos da vizinhança. E os milagres que ainda haveriam de acontecer-lhe.

Milagres! Sim, de agora em diante, ela seria uma mulher de fé. Podia sentir. Abriu a porta de casa: lar doce lar! Um banho e estaria refeita, linda. Num relance, porém, ouviu tiros.

E caiu de costas, brutalmente impulsionada para trás. Ela, suas histórias inconclusas e a rosa vermelha. Nem quando as mãos apalpavam o peito furado, nem quando viu a vida fresca nos dedos, nem quando a rosa se despedaçou solidária, ela se deu conta: a existência não lhe escorreria menos doída.

CATEGORIA CONTO

- Dona Beatriz! Chamam de fora abrindo a porta lentamente. Beatriz mais que depressa fica em pé em prontidão.
- Nossa; já acordada e arrumada! Exclamou a enfermeira surpresa.
- Sim, hoje tenho visita.
- Então Dona Beatriz; não sei se soube do que está acontecendo...
- O que está acontecendo? Interrompeu educadamente.
- Na verdade nem nós sabemos direito, mas dizem que um vírus vindo da China chegou até o Brasil, os mais afetados infelizmente são os idosos, precisam de isolamento e extremo cuidado.

- E as visitas?
- Suspensas por enquanto, o país inteiro está em isolamento, tere-mos que ficar em quarentena, cuidando de vocês até que tudo se...
- Entendi. Interrompeu sorrindo.
- Sinto muito Dona Beatriz, Espero que logo tudo se ajeite e volte ao normal.
- Sim.
A porta se fecha enquanto Beatriz vai até o guarda-roupa, tira o suéter salmão e coloca o de linho marrom; senta em sua cadeira

de balanço e observa a estampa da cortina, o muro, o ninho, o pássaro, a moita, as flores, o banco, as ripas de madeira faltando, o movimento do ventilador...
Não estava mais feliz, mas ainda estava ansiosa; talvez mais ansiosa do que nunca antes.
- Quantos dias duram uma quarentena? Quarenta? Quantas horas será que tem em quarenta dias? Tentou calcular e não conseguiu.
- Ah, tanto faz. Respondeu para si mesma balançando sua cadeira. 10h22min da manhã marcava o relógio.

CATEGORIA CRÔNICA

2º LUGAR - KEILLA KALLI CARVALHO DE OLIVEIRA - Obra: “É Menina!” - São Luís / MA

Eram sete e meia da noite e eu ainda não tinha almoçado, nem sequer levantado para ir ao banheiro. Estava desenvolvendo a identidade visual de uma marca; trabalho que amo e que consegue me abduzir para Marte, só me devolvendo na hora em que a minha bexiga está prestes a estourar ou minha barriga começa a fazer ruídos. É o que preciso fazer para pagar as contas, já que sou a única adulta da casa e tenho uma filha de seis anos para criar.

Resolvi fazer uma pausa para verificar minhas mensagens no celular e saber se o mundo continuava o mesmo ou alguma tragédia havia acontecido, enquanto eu decidia o tom de azul ideal para a paleta de cores do meu cliente. Entrei no aplicativo e vi várias notificações nos grupos que eu normalmente ignoro e só respondo quando sou mencionada ou quando enviam alguma foto minha na adolescência. Nem abri, continuei olhando quem mais havia me contatado. “É MENINA!” Vi em letras garrafais seguidas de emoticons de flores e corações cor de rosa.

Esperava ansiosa há alguns meses por esse resultado, mesmo sabendo que na minha família parte de mãe, só nasciam mulheres há

quatro gerações. Eu ia ser tia mais uma vez e minha filha teria mais uma prima chamada “Maria Fulana”, para combinar com as irmãs dela: Maria Laura e Maria Clara.

Há seis anos, eu enviei uma mensagem como essa nos grupos da família, do trabalho, dos amigos e para o meu ex-marido, que viajava a negócios (como sempre) e provavelmente, está viajando neste exato momento. Lembro que fiquei radiante quando a doutora revelou o sexo!

Apesar de ter certeza que eu ficaria feliz com qualquer resultado, sempre imaginei combinar as roupinhas com os lacinhos da cabeça.

Eu nunca tinha problematizado sobre a responsabilidade de trazer uma menina para o mundo, uma mulher. Hoje foi diferente. Ao mesmo tempo que fiquei feliz por minha irmã manter a tradição familiar e gerar mais um ser maravilhoso (é o que somos), fui surpreendida por um frio na barriga, seguido do pensamento clichê “Lá vem mais preocupação!” Na mesma hora me julguei por isso. Me senti como os irmãos do meu pai, que em pleno 2022 têm coragem de dividir as mulheres em duas categorias: “as que impõe respeito” e as “que mostram o peito”, como eles intitulam em meio

a piadas sexistas e comentários machistas. Como se as decisões e comportamentos das mulheres determinassem o que elas recebem da sociedade e suas posturas, as fizessem merecedoras ou não, de respeito e direitos.

Não consegui dar os parabéns para minha irmã, tive que fazer mais um café e ir para a varanda. Depois de ter começado a terapia minha ansiedade estava bem mais controlada, mas essa mensagem me desestabilizou de uma forma que não fazia o menor sentido. Afinal, ia ser a sétima menina da geração que incluía minha filha, suas primas e as filhas das minhas primas, nenhuma novidade!

Coloquei açúcar no café, coisa que eu só fiz com a notícia da pandemia, quando decidi que não ia mais contar calorias, já que estávamos condenados ao fim. Sentei no balanço da Cecília e comecei a olhar fixamente para a banca de revista que ficava no canto da minha rua. Lá, trabalhava a Dona Fernanda, mais uma que deve estar prestes a ter um problema na bexiga por tanto segurar xixi. Ela só saiu dali na hora de fechar e para cinco minutos para almoçar a marmita fria que ela traz de casa.

Percebi como sou rodeada de mulheres fortes, como admiro e aprendo tanto com cada uma

delas, como somos incríveis! Então comecei a lembrar de todas as histórias que essas mulheres e eu passamos e consegui finalmente, definir o sentimento que havia tomado conta de mim em uma palavra: medo. Medo do que poderia acontecer na vida de “Maria Fulana”.

Medo, não por ela dar o primeiro beijo cedo, mas por lhe roubar um beijo. Não por decidir ter várias relações íntimas, mas por ter uma que seja forçada. Não por ter uma gravidez indesejada, mas do julgamento que ela vai receber. Não pela profissão que ela vai seguir, mas saber que em qualquer carreira ela vai ganhar menos, mesmo trabalhando mais. Não por casar cedo, casar tarde ou nunca casar, mas de toda a cobrança e pressão que vão fazer. Não por abortar, não querer ter filhos ou ter quatro filhos, mas pela responsabilidade pesar mais nos ombros dela. Não por se divorciar, mas pelo preconceito que ela vai enfrentar por ser uma “mulher divorciada”. Não por discutir com o parceiro, mas por poder ser torturada psicologicamente, agredida fisicamente ou ter a vida ceifada por ele.

É menina, e eu fiquei incrivelmente feliz e assustadoramente preocupada com a chegada dela.

3º LUGAR - TIAGO DA SILVA PALMA - Obra: “iNo te juntes con esta chusma!” - Suzano / SP

O que é identificação? A identificação segundo o dicionário Michaelis pode ser descrita como “Ação ou efeito de identificar-se” ou ainda “Processo de assimilação de certas características de outrem que levam ou podem levar a uma transformação na forma de agir do paciente.”. Ou seja, identificação é aquilo que nós vemos da gente no outro. Esse movimento é duplo, parte de uma noção de memórias que a gente acumula da nossa vida e que acabam por nos definir e de como a partir dessas memórias a gente consegue se enxergar no outro.

E toda vez que eu paro para assistir Chaves, eu percebo que isso faz todo o sentido. O seriado que se iniciou na década de 70 no México e que foi trazido pelo SBT em 1984 dominou as tardes da TV brasileira até o ano de

2020 e ainda em alta. Nele nós somos apresentados às peripécias de uma vizinhança que praticamente reflete todos os problemas das periferias latinoamericanas, temos a mãe solo que vive com uma pensão minguada, temos o pai desempregado que vive fazendo bicos aqui e acolá para comer e que tem sempre os alugueis atrasados, o dono da casa, que é o mais endinheirado, o professor nunca respeitado. E as crianças da vila que brincam entre si.

E sim. Nós temos o Chaves. Esse menino pobre que vive em um barril e que faz de tudo apenas para comer.

O Chaves consegue nos tocar porque todos os seus personagens e enredos são arquétipos de uma realidade suburbana, periférica e todas as suas dores são as nossas. E

mais, a língua original também não é tão longe da que falamos, coisa que facilitou o trabalho da dublagem maravilhosa feita pelo SBT.

No entanto, há coisas que se perdem nesse processo de transposição linguística, o nome do personagem principal, por exemplo. Chaves é a transposição do termo Chavo que significa: Guri. Ou seja, não é sequer um apelido, é uma condição. Com ele, Roberto Gomez Bolaños queria exemplificar todas as crianças pobres da América Latina. E conseguiu. Nós olhamos para aqueles personagens como se fossem a gente... Porque eram.

No último dia 17 de março, o MEC anunciou mudanças no Enem e uma delas foi a retirada da língua espanhola da prova. A medida não é

controversa apenas porque prejudica uma grande parcela dos estudantes, já que 60% opta pela língua espanhola, mas porque ao fazê-lo, a gestão nos diz que o espanhol não é uma prioridade para ela. Prioridade é o inglês. Prioridade é o que vem do norte. É o que dialoga, pensa e conclui em inglês. Com isso, o MEC opta por ignorar os nossos vizinhos que falam majoritariamente o espanhol. Opta por não nos integrarmos a eles. Opta por ser “ilha”, mesmo que o português seja tão latino quanto é o espanhol. Se diz que o trabalho da tradução é semelhante ao de construir pontes, mas essa não é uma ponte que o MEC quer construir... parece. Me lembra muito aquela cena de Bacurau em que os forasteiros vividos por Karine Teles e Antonio Saboia falam (em in-

glês) para os estrangeiros: “Nós somos como vocês”. E os estrangeiros riem.

Ou, para continuar no exemplo, parece a dona Florinda dizendo pro Quico: “Vamos, tesouro, não se junte com essa gentinha” sem perceber que mora na mesma vizinhança.

No nosso caso, talvez seja a mesma coisa. Por mais que o MEC pense que não devemos nos juntar aos nossos vizinhos, isso não altera o fato que não só as nossas paredes, mas a nossa vida está conjugada, tanto nas alegrias, quanto nas tristezas. E isso pode ser lido tanto na Macondo de García Márquez, quanto no sertão de Guimarães Rosa, tanto nas letras de Mercedes Sosa, quanto na voz da Maria Bethânia. Somos da mesma vizinhança: o que muda é só a dublagem.

PRÊMIO GALARDÃO - EDUARDO ALVES DE MIRANDA - Obra: “Do Sonho ao Pesadelo” - Tatuí / SP

Quando pequeno, nos anos 80, adorava andar de bicicleta, isso mesmo, bi-ci-cle-ta, nessa época o imperialismo norte-americano ainda não havia dominado a minha mente, portanto, nada de bike e sim, bicicleta, da marca Monark, vermelha que em minha imaginação era a minha “moto”. Eu estudava de manhã e à tarde, mesmo quando tinha tarefas para fazer em casa eu saía com a bicicleta para dar pelo menos uma voltinha pelo quarteirão, precisava fazer isso, era uma vontade incontrolável. Nos finais de semana acordava muito cedo, por costume, enquanto que meus amigos aproveitavam o dia de folga da escola para esticar o sono até quase a hora do almoço.

Mesmo sendo um solitário admirador do amanhecer, arriscava umas voltas de bicicleta, sozinho mesmo. Em uma dessas manhãs solitárias segui pelo estacionamento de uma loja de construção que iniciava na minha rua dobrava a esquina e continuava

beirando a avenida principal do bairro, quando terminava o estacionamento da fachada da loja de construção iniciava o estacionamento do supermercado Mogiano, que já não existe mais, continuei em frente até a próxima esquina, dei meia volta e retornei pelo mesmo caminho dos estacionamentos.

Por ser um sábado, as pessoas aproveitavam para irem cedo ao supermercado fazer compras e sendo assim o estacionamento estava lotado, havia uma fileira de automóveis perfilados lado a lado. Eu, imaginando ser um dos policiais rodoviários da série ChiP’s seguia pela calçada com o pensamento nas nuvens, foi quando de repente, do meio dos automóveis “Ela” surgiu, uma senhora oriental com dois pacotes de embalagem de papel pardo, naquele tempo muitos estabelecimentos ainda não degradavam o meio ambiente com sacolas plásticas, carregava um em cada braço e cheios até a boca. Não tive tempo de reação, acertei a

pobre mulher no meio, a traseira da bicicleta chegou a levantar, em reflexo tardio vi as laranjas da vítima correrem desesperadas pela avenida. Assustado e sabendo da minha culpa tive apenas uma reação, cruel e covarde, de correr, correr muito sem olhar para trás enquanto que uma voz sussurrava em meu ouvido:

“- Você vai ser preso por ter atropelado a mulher.”

Desnecessário dizer que meu coração batia mais rápido que uma McLaren, com medo passei pela esquina da rua que morava e segui mais dois quarteirões adiante, em alta velocidade e sem olhar para trás, descii a rua seguinte por mais dois quarteirões e retornei para casa pela rua debaixo. Entrei em casa, liguei a tv e ali fiquei até o horário do almoço.

Foi rápida a transição do sonho de ser um patrulheiro Chip’s das ruas de Los Angeles para um motorista inconsequente e desumano nas calçadas da Vila Ré.

CATEGORIA POESIA

1º LUGAR - VALÉRIA DE CÁSSIA PISAURO LIMA

Obra: "Três Destinos" - Campinas / SP

São três Chicos, três destinos
Peregrinos em uma só missão,
Chico das vazantes de lua cheia,
Chico da enxada parceira,
Chico do amor em oração.
São três Chicos penitentes
Cativantes cantam o que sentem
Na correnteza, no lavar, no amar.
Viajantes em três dimensões.

Velho Chico padece passeia,
Rima a vida, rega a morte,
Vigilante a qualquer sorte
Despeja tuas águas rasas,
Nas veias das manhãs cheias.
Canta as antigas cantigas
Das lavadeiras ao vento.
Canta a seca e a enchente,
Canta tudo o que sente,
Sonho de ser véu de cachoeira.

Chico descalço, morno passo,

Pés plantados, enxada na mão.
Lavrador, corpo curvado, arado
Solo seco, sem adereço, cor de dor.
Da terra companheira, cultivo
Fecundo alimento, semente
Onde o sol é mais urgente
Sorriso na lágrima, espinho da flor.
Canta tudo o que sente,
Sonho de trigo virar pão.

Chico santo que de encanto
Em seu fim e seu intento
Amou, porque viveu sabendo
Que amar ignorando não é viver,
É cegar todo o entendimento
Não é amar, é não saber
É viver sem merecimento.
Chico bendito, caminhos de luz
Líder espiritual, amor natural
Canto de graça que conduz.

2º LUGAR - NATÁLIA LOURENÇO RIBEIRO MEDEIROS DE SANTANA

Obra: "Meu Menino" - São Paulo / SP

E como se eu tivesse olhos

Fincados em um futuro do pretérito

Eu veria tuas mãos suaves

Deslizando sobre as cordas do violão - ai que dó!

Ainda, na íris refletida

O que seria dessa tua vida

Os pés tortos, sobre a grama torta
Sob a clave branca, a arquibancada eufórica

Talvez, quem sabe
Fosses doutor, meu filho

Não tivesses sido mais um desaparecido
Dentre tantos desaparecidos

Por entre as ruas da favela

Pelas esquinas cegas

Da pobreza negra
Pena, meu Deus, que não és europeu

Que não tens os olhinhos cor de céu
Que os teus, azeviches, não comovem

Os que movem essa engrenagem fétida
Pena, meu menino, tua pele escura

Transforma teu nome em estatística

Eu, mãe preta sobre o morro morto

Subo a saudade desse teu sorriso só

Só como todas as mães pretas

Teu nome tatuado nesse gosto amargo
De quem se sabe incapaz

No jornal eles se desesperam
Pela criança morta dez anos atrás

Na sombra única de suas incongruências
Longe, muito longe de nossa vida, enfim...

Por aqui muitas pretas Madeleines
Somem vãs no vão de nossos tempos baldios

... mas nós não somos os nós de suas gargantas
E a clara mocidade canta mais um carnaval

Morrem Miguéis, e Agathas, e Lucas, e Alexandres, e Fernandos...

Enquanto, nas modernas senzalas, ainda vão nos escravizando
Os mesmos senhores

De mesmo engenho
Com o mesmo empenho

Por aqui, nada de novo, meu filho
Seguimos o mesmo trilho

o mesmo

trilho

o mesmo

trilho...

3º LUGAR - SANDRO PEREIRA SILVA

Obra: "Processualidade" - Rio de Janeiro / RJ

Paro enquanto penso e me aprumo. Tipo perplexo.
Apago apartes. Afasto pesares. Apresso teu apreço.
Sem prosa. Com pressa. Na pele. Pilar desconexo.
Nada a prever. Anseio o porvir. Por ora me esqueço.

De ponta a ponta. Apronto. Revelo-me pelo avesso.
Meço passo a passo. Reparo percursos controversos.
De porta em porta. Procuo meu próprio endereço.
Palavras como plumas. Suspendo planos dispersos.

Presente imprevisto. Ando meio perdido. Imprudente.
Procuo sentidos. Profetizo sem juízos onde apareço.
Pinto e bordo. Repito o ciclo. Um rodopio persistente.
Passado retido. Passo batido. Prendo pregos no gesso.

Passo da conta. Tudo posso naquilo que pago o preço.
Perco o parafuso. Paro no fuso contrário. Sem acesso.
Planto e espalho. Dispensio pistas do que desconheço.
Pouco prezo perenidades. Sou ser em pleno processo.

PRÊMIO GALARDÃO - RENATO JOSÉ DE ALMEIDA MELLO

Obra "Palavra, Verve de Meu Ser" - Tatuí / SP

No princípio, do sopro divino
A palavra (re)Verbo-sou
Alma corpo encontrou
DNA em letras se intercala
Genética enraizada na fala
Etimologicamente latino

Dos sons produzidos
Gracejos aos berreiros
Lábios-bicos matreiros
Em onomatopeia infantil
Vibro interjeição pueril
Primeiras sílabas - ruídos

Pela boca dançam vogais
Malabarista língua vernácula
Multiplica sons-partículas
Tal consoantes em abecedário
Quiçá conhecedor de dicionário
Escrínio de palavras essenciais

Literal ou figurado na expressão
Se calo, palavras me afogam

Não me faltam; trasbordam
Sou substantivo verbalizado
Espalhado em pronomes adjetivados
Experiências unidas por conjunção

Coração de sangue-tinta
Pulsa minha autobiografia
Escorre vida em caligrafia
Traçado de dores, alentos
Compondo versos, momentos
Frasiem-me escrita distinta

Literatura é minha paixão
Grafada ou ao vento
Poemando sentimentos
Metaforei em licença poética
Redigindo em própria estética
Histórias que fluem do coração

Por brancas páginas a preencher
Reescrevo-me em conotações
Rabisco rimas, emoções
Mergulhado na prosa sem-fim
Busco obra-prima de mim
Palavra, verve de meu ser.

1º LUGAR - MURILO DE BARROS LOBO

Obra: "Queluz, 1 de Novembro de 1833"

Escola: Colégio Anglo Tatuí

Diretor(a): Luiz Antônio Rossi

Professora contemplada pelo edital: Mariana Calvío

2º LUGAR - JHENNEFER NATALY OLIVEIRA DE PAULA

Obra: "A Independência da Nossa Nação Brasileira"

Escola: Etec "Sales Gomes" (descentralizada)

Diretor(a): Rossana de Camargo Barros

Professora contemplada pelo edital: Renata de Fátima Nunes

3º LUGAR - JOÃO PEDRO DYONISIO SANTOS

Obra: "Missão dos Correios"

Escola: Colégio Gênese

Diretor(a): Miriam Rocha Cubas de Oliveira

Professor(a) contemplado(a) pelo edital: Cristiane Tereza Cornélio Vicenzi

Filho,

Espero que esta carta te encontre nas melhores condições possíveis. Teu saudoso pai, aqui, te saúda, com meu abraço fraterno.

Sinto por deixar-te. Mas preciso dizer-te a verdade.

Filho, não voltarei ao Brasil, espero que um dia tu entendas. O tempo se passou e sinto que essa terra que teus pequenos pés caminham já não mais me pertence. Não me pertence, embora meus olhos sintam falta do verde das palmeiras, do azul cristalino do mar do Rio de Janeiro e do café paulista. Teu povo não me quer de volta.

Sacrifiquei-me para dar liberdade ao Brasil, noites mal dormidas e até com minha família deixei de falar. Independência ou morte, a troco de quê? Aqueles mesquinhos donos de engenhos só me queriam no Brasil para não se submeterem à economia de Portugal, mais uma vez. E, depois de tudo isso, como agradecimento, garrafas voaram naquele terrível episódio no Rio de Janeiro e eu nem mesmo conhecia Badaró!

Sei que posso ter sido um pouco duro com o povo, mas eu já não estava governando, estava apenas levando aquela loucura, adequando-me às vontades da minoria que falava. Ah se arrependimento matasse!

Minhas memórias me acompanharão até o fim da minha vida. Mas, às vezes, pergunto-me se, de fato, ainda viverei por mais tempo. Pressinto que meu derradeiro fim não está longe, vejo no horizonte a aurora me aguardando. Embora, ainda meu peito quisesse muito encostar tua cabeça nele, uma última vez.

Meu filho, teu pai não te merece, mas, acredite, amo-te sempre. Amo-te até o fim. Faça melhor, filho, governe com sabedoria e honre minha memória. Honre a tua independência!

Com todo afeto,
Teu pai.

A capacidade de Dom Pedro

Independência alcançar

Nessa jornada deveria ser provada

De modo a nossa submissão a Portugal evitar

Em sua viagem tempos depois

Pousou o príncipe para de Penha o estado, observar

Então após o seu amor por Domitila ser roubado

Nessa sua viagem continuou

Depois a São Paulo o príncipe chegou

E uma Grandiosa recepção o cercou

Nessa ocasião o primeiro beija-mão pôde os Piratininganos admirar

Continuou o caminho, e a seu amigo Bonifácio foi visitar

Intestinais cólicas sua alteza sentiu

A altura do Ipiranga aproximadamente

Diante do ocorrido seu problema é contado lenientemente.

Acontecidos posteriores na carta do padre se viu

Nessa carta era condicionado

Ou Dom Pedro se torna rei ou o Brasil é aprisionado

Seriamente o príncipe relações com o governo português quebrou

Separado de Portugal para sempre o Brasil se declarou

Ao chegar no Ipiranga, prevenção de surpresas pediu

Naquele riacho, às suas margens os guardas fizeram parar.

Adjunto às quatro da tarde, o príncipe de seu cavalo desceu

Com sua espada desembainhada pôs-se a falar

A nossa nação livre dos portugueses está

O Brasil independente agora se tornará

Brasileiros, agora seu defensor sou

Repleto de orgulho "independência ou morte!" gritou

Após tempos de lutas e exploração

Sob às ordens do novo rei, independente o Brasil se tornou

Imediatamente após a declaração

Liberta dos portugueses nossa pátria ficou

Então através do grito do Ipiranga, dia lembrado

Independência do Brasil é celebrada

Reconhecido dia 7 de setembro como feriado

A nossa nação comemora a independência alcançada

Missão dos Correios

Uma missão foi dada, um objetivo em visão, uma carta deve ser entregue, o sentimento é de urgência, ao lado apenas Antônio Cordeiro, que também seguia em fúria, meu olho reagia mal a poeira que nossos cavalos levantam, ainda assim, nos deram o objetivo de levar essa urgente carta ao Príncipe e iríamos cumprir, mas precisamos admitir que as coisas não estavam muito boas.

A viagem já se via longa, os cavalos cansavam e os trotes ardiavam as ferraduras assim como meus quadris, o trabalho de correios nunca foi tão urgente quanto agora, pelo menos não a nível nacional. E como toda jornada apressada, sempre haveriam problemas no caminho, e o problema que enfrentávamos era: O príncipe estava de viagem, por isso, apenas tínhamos uma vaga noção de onde ele deveria estar, voltando da cidade litorânea de Santos, que havia visitado para ver a família de José Bonifácio, e nesse exato momento deveria estar em algum canto próximo ao rio Ipiranga.

- Sabe dizer-me onde estamos? – Disse Antônio, cuja lábia se equiparava ao senso de direção – Acredito que eles estejam perto dos Moinhos, mas não consigo identificar se eles estão a noroeste ou a oeste daqui.

- Bem caro amigo, acredito que vossa mercê não esteja ciente do horário, são aproximadamente quatro horas da tarde – eu retruquei, preocupado com o relógio biológico de meu parceiro, que vinha acordando tarde – isso significa que o seu "Oeste" na verdade é leste, e sim, é a nordeste daqui.

- Então seguiremos para lá, estamos correndo contra o tempo para gastar tempo com a estrada! Quando dermos de encontro com uma que siga nosso caminho voltamos a segui-la, o que achas?

- Uma ótima ideia Antônio.

Então assim fizemos, aumentamos a pressão na perna e chamamos os cavalos apressados para fora da estrada, pedindo um galope ainda mais acelerado aos quase fadigados animais, que nos obedeceram e nos levaram para fora da terra e andando pela mata rasa, em linha reta para Dom Pedro.

Por não estarmos mais em terra pura, a poeira não era tanta, mas a grama claramente incomodava Estrela, que galopava com desconforto, afaguei-a duas vezes na altura da crina e sussurrei palavras de conforto, não era hora de parar, estávamos cada vez mais próximos.

Um tempo se passa e voltamos à estrada, dessa vez mais próximos, e continuamos a correr com todas as forças que os cavalos poderiam fazer, a Estrela tremia e já corria com a boca levemente aberta, o que significava não ter muita estamina sobrando. Mas eu não saio despreparado, girei a bolsa com as cartas e rapidamente saquei uma

pequena sacola de pano, acoplada no canto da bolsa de couro, dentro do pequeno saco, torrões de açúcar, atualmente a alternativa mais rápida, cautelosamente me abaixei com um quadrado amarrado de açúcar mascavo em mãos, entre pulos e galopes alcanço a boca da fadigada égua, que pega rapidamente o alimento.

Minha sorte começa a melhorar a partir daí, pois foi pouco depois disso, que consegui observar algo que me trazia esperança, a figura de um homem, posicionada de maneira divina para causar o mínimo alívio em mim e em meu camarada, que também esboçava o sorriso cansado de quem está a um passo do seu objetivo.

- É aqui Paulo! Chegamos! – Dizia Antônio Cordeiro, que começava a comemorar.

- Não comemore antes da hora Tonho, ainda podemos nos deparar com um acampamento emergencial, mas uma coisa é certa, estamos muito perto!

Então cavalgamos de encontro para o homem que acabamos de encontrar, chegando lá somos abençoados pela imagem de alguém familiar, que logo reconhece a nós:

- Vossa mercê, senhor Paulo Bregaró? E também vossa mercê, senhor Antônio Cordeiro? – Disse Manuel Marcondes, futuro Barão de Pindamonhangaba – O que fazem nessas bandas com tanta fúria?

Com meu sentimento de urgência ainda em dia eu sigo forte e digo:

- Vimos da corte, Maneco! Com notícias importantes e urgentes de José Bonifácio para o Príncipe. Consegue dar-nos um norte de onde está Sua Alteza?

Ele então nos guia com instruções aceleradas, e nós seguimos viagem, deixando-o para trás com a presença da poeira que levantamos.

Foi pouco tempo para que chegássemos a Dom Pedro, que estava sofrendo de disenteria, por isso estava na beira da mata aliviando-se. E então nesse clima nada receptivo, anunciamos cansados:

- Temos notícias da corte, e cartas para Sua Alteza D, Pedro! Elas são de extrema importância, e arriscamos dizer que exigem ações imediatas!

Estendendo as cartas para o Príncipe, que pega as mesmas e as entrega para o Padre Manoel Joaquim da Rocha, e Dom Pedro se afasta um pouco para novamente cuidar de suas necessidades. E então, nesse momento, ele conclui nessa jornada por dizer:

- Pegue estas cartas e leia-as para mim, padre – dizia Sua Alteza, escondido em meio à mata com suas vergonhas expostas.

E o padre Manoel assim fez, começara a ler ali mesmo, naquela situação tão exótica. No fim das cartas, Dom Pedro se levantou trêmulo de raiva e jogou as cartas no chão e pisou nas mesmas, enquanto eu me retirava. E enquanto voltava para casa, descobri que naquele dia, o Brasil virou independente.

8º e 9º ano

1º LUGAR - TAÍS ARAÚJO DE OLIVEIRA

Obra: "Independência ou Morte?"

Escola: PEI "Chico Pereira"

Diretor(a): Marco Antonio Vieira

Professor(a) contemplado(a) pelo edital: Tatiana Pereira Bezerra

2º LUGAR - DANIELLE MACHADO

Obra: "O Sete de Setembro"

Escola: Colégio Gênesis

Diretor(a): Miriam Rocha Cubas de Oliveira

Professor(a) contemplado(a) pelo edital: Rosana Soares Martins de Faria

"E viva o Brasil independente – gritou Dom Pedro". Este é o verso que está escrito nos livros de história.

Dia 07 de Setembro de 2022, nosso país irá completar 200 anos de independência. Isso me faz refletir, o quanto importante foi esse fato histórico para nós brasileiros. Isso ocorreu na margem do rio Ipiranga, no dia 07 de setembro de 1822, onde Dom Pedro I declarou a tão famosa frase "Independência ou Morte".

Pense comigo, como Paulo Setúbal ao me entreter, me despertou ainda mais o interesse pela história do meu país. A forma como ele escreve, descreve e expressa cada momento, é incrivelmente única, com seu vocabulário enriquecedor e um tanto curioso para nós jovens. Ele conseguiu despertar um interesse de ao menos saber sobre o vocabulário antigo e origens do meu povo.

Também é importante citar os detalhes que ele nos dá sobre esse fato, que Dom Pedro era uma pessoa comum como nós e que até dor de barriga ele tinha. E esses detalhes são confirmados através de cartas e relatos de pessoas que conviveram com Dom Pedro.

A partir disso, me faz refletir que muitas coisas passaram despercebidas por nós, e com isso, me vem o questionamento se o que os livros nos contam é o que realmente aconteceu ou há mais por trás disso.

Mas, mesmo assim a partir da Independência, desvinculamos nossos laços coloniais com Portugal e iniciamos um novo período cultural sociológico e histórico de nosso país.

Para concluir, após essa data tão importante, nós conquistamos e lutamos por muitas coisas. E assim sendo, creio que ainda passaremos por muitos fatos históricos, onde espero que tenhamos escritores tão bons e importantes como Paulo Setúbal, para registrar esses momentos de uma maneira tão fascinante para que um dia, nossos descendentes possam vivenciar através da literatura.

Numa paisagem morta e descolorida, à beira de uma estrada velha junto ao ribeirão do Ipiranga e uma casinha de barro. Ao sol muito forte havia um grupo de guapíssimos cavaleiros.

Que linda imagem de se ver, naquela paisagem feia e sem cor, havia uma linda nota galharda. Todos vestiam fardas com espadas e correia de couro, era a famosa Guarda de Honra.

Dom Pedro, o maior e melhor cavaleiro daquela época foi para São Paulo. O príncipe no dia 24 não quis entrar na cidade, queria impressionar pela grandiosidade. Enviou ordens dizendo sua chegada: "Ao dia 24, décimo dia de viagem, pousou o príncipe na Penha".

Após a saída de São Paulo, quase às margens do Ipiranga, a Alteza teve cólicas intestinais e, ao ler a carta do Padre, Dom Pedro cheio de raiva amassou o papel, pisoteou e rasgou. Não havia outra saída senão a independência e a separação.

Dom Pedro parou no meio da estrada dizendo ao Padre: "De hoje em diante estão quebradas as nossas relações, nada mais quero do governo português e proclamo o Brasil para sempre separado de Portugal".

Todos estavam felizes com a liberdade.

Sua guarda já na margem do Ipiranga, toda arrumada para receber Dom Pedro, era em torno das quatro da tarde quando Dom Pedro chegou e disse: "Amigos, estão para sempre quebrados os laços que nos ligavam ao governo português!".

Assim Dom Pedro gritou: "Viva o Brasil! Livre e independente! Será nossa divisa de ora em diante: Independência ou morte! E todos com muito entusiasmo repetiram: Independência ou morte!".

3º LUGAR - LÍVIA MARTINS

Obra: "Independência do Brasil"

Escola: Emef "Maria Helena Machado"

Diretor(a): Maria Heloisa Leite Almeida de Oliviera

Professor(a) contemplado(a) pelo edital: Gabriel Rodrigues Narkevicius

No Ipiranga um lugar com poucas pessoas, muitos cavaleiros passavam com muita elegância, sempre com cores bem vivas e armas reluzentes com capacetes dourados etc. Era a Guarda da Honra que acompanhava D. Pedro I

Enquanto eles descansavam chegaram dois outros cavaleiros com uma mensagem para o príncipe. O Barão de Pindamonhangaba reconheceu eles e disse que eram Paulo Bregaro e Antônio Cordeiro.

A viagem de D. Pedro I tinha muitas pessoas próximas a ele, como Francisco de Castro e Mello, Padre Belchior Pinheiro etc. Era uma viagem que passava em muitos lugares de São Paulo, com missas e festas organizadas pelo príncipe como forma de acalmar as revoltas que aconteciam lá.

Um dos lugares que D. Pedro visitou foi a Penha, onde ele andou escondido por algumas ruas, lá conheceu uma mulher com o nome de Domitila, que era conhecida como Titília, Era filha caçula do coronel João de Castro, pai do tenente Canto e Mello.

Depois disso D. Pedro, durante alguns dias resolveu seus problemas políticos na província, foi para Santos para visitar a família de seu amigo José Bonifácio. Na baixada santista D. Pedro sentiu muitas cólicas intestinais, ou seja, disenteria.

Durante um dos ataques os mensageiros chegaram no riacho do Ipiranga, em um lugar chamado moinhos.

Eles entregaram a mensagem para o príncipe, eram instruções da corte portuguesa para que D. Pedro aceitasse condições impostas pelos lusos, Bravo, D. Pedro disse em voz alta para padre Belchior.

- Padre Belchior, eles o querem, eles terão sua conta. As cortes me perseguem, chamam-me com desprezo de rapazinho e de brasileiro. Pois verão agora quanto vale o "rapazinho". De hoje em diante, estão quebradas as nossas relações, nada mais quero do governo Português e proclamo o Brasil, para sempre, separado de Portugal.

Os que estavam junto ao príncipe responderam animados.

- Viva a liberdade! Viva o Brasil separado! Viva D. Pedro I!

- Será nossa divisa de agora em diante, Independência ou morte!

Bradou o príncipe.

Diferente do quadro pintado por Pedro Américo, a independência do Brasil não foi grandiosa e muito menos ele cavalgava em um cavalo branco, e sim em um animal de carga.

6º e 7º ano

1º LUGAR - MARIA ISABELLA SEBASTIÃO PAIS

Obra: "Nos Bastidores da História, O Sete de Setembro que Ninguém Contou"

Escola: Prof. "Ary de Almeida Sinisgalli"

Diretor(a): Camila de Jesus Garcia Rinaldi

Professor(a) contemplado(a) pelo edital: Cristiane Silva dos Santos

O recado na última folha do caderno dizia em letras garrafais: "DONA NINA, AQUI É A PROFESSORA MARIA, ESTOU ENVIANDO-LHE ESTE BILHETE PARA AVISÁ-LA QUE O PEDRINHO SÓ ENTRARÁ NA AULA DE AMANHÃ DEPOIS DE ME APRESENTAR O TRABALHO DELE SOBRE 'O SETE DE SETEMBRO'. AGRADEÇO SE A SENHORA O LEMBRAR DISSO, PROFESSORA MARIA. "

Eu certamente levaria uma surra naquela tarde e perderia a chance de terminar minha batalha no Free Fire. Talvez eu não precisasse mostrar o tal bilhete para mamãe, mas a Martinha, a peste da minha irmã, sem dúvida não perderia a oportunidade de me ver levando uma bronca daquelas. Então, diante disso, criei coragem e fui tentar um acordo, a esperança é a última que morre, ouvi minha avó dizendo isso em uma ocasião.

Passei horas divagando quando minha mãe apareceu na porta de meu quarto e estipulou que eu teria apenas mais uma hora para mostrar-lhe a pesquisa terminada e com a letra "LEGÍVEL". Nesta hora fui desmanchando a pilha de livros que se encontrava em minha frente e nada ali parecia que pudesse me ajudar naquele desafio, até que meu pai chegou com um livro de um tal Paulo Setúbal, intitulado "Nos Bastidores da História" e me disse para ler o capítulo que se chamava "O Sete de Setembro". Não gostei da ideia de ler, mas ou era isso ou adeus videogame, e então iniciei a leitura.

Não sei em que momento da leitura eu adormeci, quando acordei com uma baforada no rosto e então abri os olhos e vi a pouco mais de dois centímetros do meu nariz o focinho de um cavalo, ou seria uma besta baia, não saberia distinguir, tamanho foi meu susto. À minha volta, homens imponentes, vestidos com uma espécie de farda, com um bordado de um brasão ao lado no peito. Nossa! Será que eu estava em um daqueles meus jogos do Free Fire?

Fui acordado novamente de mais um de meus devaneios, mas aquela voz não se parecia em nada com a de minha mãe, era um tal de D. Pedro. Ele era ainda mais imponente do que os demais e as outras pessoas sempre o tratavam como "Sua Alteza". Nesta hora até lembrei de uma aula de português, a professora Catarina tinha ensinado uns tal de pronomes de tratamento e segundo

ela, usávamos a expressão "Alteza" para príncipes ou princesas, tá aí, esse D. Pedro era um príncipe.

Ele me atordoou com tantas perguntas que quando acabou de proferir a última, já nem lembrava qual tinha sido a primeira. Me apresentei a todos, "Olá pra geral! Eu sou Pedro, e aqui é onde?!".

A Sua Alteza iria abrir a boca, quando um outro homem, um tal de Chalaça disse que estávamos à beira do Ipiranga, eu me levantei, já que haviam retirado aquela mula da frente do meu rosto, olhei em minha volta e indaguei: "Jardim Ipiranga?!". Nossa! Não me lembro nem de ter saído de casa, e olha que eu moro do outro lado da cidade. Fui interrompido mais uma vez agora pela "Sua majes... ops.... Alteza", sempre me confundo com os pronomes. Pois bem, ele me disse que estávamos às margens do Ipiranga, que ele e a tropa estavam percorrendo havia dias os diferentes cantos daquela terra. Ele me convidou para seguir com eles até a nova parada e como eu não tinha mais nada pra fazer, aceitei.

Foram muitos os dias de viagem; e assim, o príncipe pôde viver dias de lutas e dias de glórias, ele percorreu vários lugares, seguindo politicamente, todas as etiquetas. No meio do caminho, deparou-se com a mais linda moça de olhos negros, nos bastidores diziam que esta viria a ser ainda a perdição de Sua Alteza. Bem percebi que tinha dado "Match", aquele trocar de olhares. Conheci pessoas importantes, fiquei até amigo do grande amigo do príncipe, o "Boninho", tá bom... deixa eu ser mais formal, o senhor José Bonifácio, cara legal esse.

Mas o episódio mais engraçado foi o dia do piriri... Depois de comermos tudo e mais um pouco em mais das festas às quais éramos convidados, o príncipe começou a ficar meio indisposto e nem deu tempo do seu padre Belchior Pinheiro lhe dirigir a pergunta, Sua Alteza já se encontrava com as calças arriadas na primeira moita que encontrou pela frente. Até tentei manter a postura, mas era impossível conter a gargalhada, tinha bem a minha frente o famoso Dom Pedro tendo um tremendo piriri, "Isso a Globo não mostra", kkkk.

Continuando... Nesta hora vieram ao nosso encontro alguns homens dizendo que Pedro (a essa altura eu já era BFF de Sua Alteza) que ele deveria tomar uma decisão urgente,

ou assim que saísse daquela moita iria acabar atrás das grades em terras portuguesas. Ainda bem atordoado, o príncipe levantou-se, arrumando sua farda e enxugando o suor que escorria pela testa e disse que não aceitaria mais ser tratado como "um rapazinho, um brasileiro de nada", ele iria mostrar quem é que mandava no pedaço. Então, puxou a espada da cintura, ergueu bem alto e gritou: "Independência ou morte!", tá bom, não foi exatamente assim, mas que fica mais emocionante, ninguém pode negar. Resumindo a treta, meu amigo Pedro libertou o Brasil do poder da coroa portuguesa, e daquele dia em diante nossos bosques teriam mais vidas e nossas vidas mais amores...

Pedro montou apressadamente em seu velho alazão, tá bem.... era na verdade uma mula velha, mas isso fica entre nós, afinal de contas quem vai querer contestar aquela imagem exposta lá no Museu, do pintor... nunca lembro o nome dele, ah tá, lembrei, Pedro Américo. Voltando ao resumo, o príncipe saiu a galope para avisar a todos que a partir daquele dia o Brasil era uma nova nação, livre, leve e solta. Fiquei tão empolgado com toda aquela festa, que enquanto pulava abraçado com meus novos amigos acabei escorregando em algo, cai, batendo a cabeça no chão, acordei levando uns tapas na cara, era minha mãe, esbravejando em meu ouvido "ONDE ESTÁ A PESQUISA QUE EU MANDEI VOCÊ FAZER!!!".

Tentei assimilar o que havia acontecido, olhei ao redor e fui reconhecendo meu velho e bagunçado quarto, é... acho que tudo não passou de um sonho. Pensei em explicar a situação à minha mãe, ela não iria acreditar, então só consegui dizer que até a hora do jantar eu lhe entregaria o trabalho todinho. Ela saiu do quarto soltando cobras e lagartos e me fazendo mil ameaças. Peguei papel e caneta, e naquele momento tudo me pareceu tão fácil, a história foi estampada nas folhas magicamente.

No dia seguinte, professora Maria estava me esperando na porta da sala de aula e ficou de boca aberta ao ler meu trabalho, me perguntou mais tarde como havia sido minha experiência em começar de fato a levar os estudos a sério, eu respondi que já estava preparado para uma nova aventura nos bastidores da história.

2º LUGAR - VINICIUS DELLA TERRA RAMOS RODRIGUES

Obra: "Filhos da Independência"

Escola: Colégio Anglo Tatuí

Diretor(a): Luiz Antônio Rossi

Professor(a) contemplado(a) pelo edital: Mariana Calviño

Ó independência
Tem tanta competência
Em sua resiliência

Que começaste de
um ato tão ingênuo
E transformaste
no que é hoje.

Quando olho para ti
Sinto uma vibração
Tão forte
Que meu coração
Em seu pulsar
demonstra um sentimento
de afeto, não ego.

Quando ouvimos do
alto das margens
do Rio Ipiranga
uma voz que gritava
por ti.

Sei, agora, que se tu

não estivesse aqui
minha alma seria incompleta.

Há tantos imperadores
no mundo
Mas se vejo ao profundo
vejo Pedro no fundo.
Ele a quem deste o sol da justiça
a nossa pátria amada.

Agora compreendo este marco
Que se fez com muito amor
Sim, também sentimos
a dor.

Mas é isso que nos deixa
mais valentes para seguir
em frente.
Esperando o esplendor.

Pois os teus filhos, ó independência
Não fogem à luta, nem abandonam
O país que te abrigou
Somos nós, a resistência.

3º LUGAR - MARIA CLARA SOARES / GRASIELLE SILVA MIRANDA

Obra: "O Sete de Setembro"

Escola: Emef Profª "Eunice Pereira de Camargo"

Diretor(a): Paola Rodrigues Nunes

Professor(a) contemplado(a) pelo edital: Alessandra de Sousa

Ao longe, sob véus de poeira, apontam dois cavaleiros desabalados.

É no Ipiranga. É na beira da estrada velha, junto ao ribeirão, rente de uma casinhola barreada...

- Que é que os traz por aqui com tanta fúria?

- Vimos da corte, trazemos despachos urgentes de José Bonifácio. Onde está sua alteza?

- Ficou lá atrás, no caminho, ali na altura dos moínhos.

Os cavaleiros não esperam mais. Esporeiam rijamente os cavalos. [...]

A viagem do príncipe a Bernarda de Francisco Inácio desencadeara lutas vermelhas em São Paulo. Sua alteza saiu 14 de agosto de 1822 [...]

[...] acomodou-se na povoaçãozinha da Penha.

O pouso da Penha
[...] conta-se que o príncipe veio em

pessoa metido na sua capa negra, em companhia de dois homens, ver de perto a cidadezinha. [...]

O imprevisto da noite: Dom Pedro vira, pela primeira vez, Domitila. [...]

A nota pitoresca de volta de Santos, quase à altura do Ipiranga, D. Pedro foi acometido de uma disenteria [...]

Paulo A. do Valle, que era enfático, teve, para contar o incidente, esta linguagem de palaciano, muito preciosa: "D Pedro, naquela hora, desentiu-se intimamente da fraquesa humana: Asua physionomia soberana descae: D. Pedro descora..."

[...] ora, foi exatamente num desses instantes em que o príncipe apeara, para prover-se, que os dois correios da corte vindo num galope solto [...]

[...] os cavaleiros entregaram os papéis ao príncipe. Na altura do lugar denominado moínhos.

[...] o príncipe mandou-me ler auto as cartas [...]

Agoniado por uma disenteria, virou-se para mim e disse:

- E agora padre Belchior?!
E eu respondi, prontamente:

- Se vossa alteza não se faz do Brasil será prisioneiro das cortes e talvez deserdado por ellas. Não há outro caminho sinão a independência e a separação.

Independência ou morte.
Chegando ao Ipiranga.

- E viva o Brasil livre e independente.
Besta ou cavalo?

1º LUGAR - PATRÍCIA DINIZ

Obra: "O Sete de Setembro, o Grito"

Escola: Emef "João Florêncio"

Diretor(a): Edna Dalva dos Santos Oliveira

Professor(a) contemplado(a) pelo edital: Janaina Antônia Machado

2º LUGAR - ROSI ROSA DA ROCHA

Obra: "Liberdade do Brasil"

Emef "João Florêncio"

Diretor(a): Edna Dalva dos Santos Oliveira

Professor(a) contemplado(a) pelo edital: Natalia Keli Silveira Campos

3º LUGAR - PATRICK ADRIANO FAGUNDES SAMPAIO

Obra: "O Sete de Setembro"

Emef "João Florêncio"

Diretor(a): Edna Dalva dos Santos Oliveira

Professor(a) contemplado(a) pelo edital: Janaina Antônia Machado

A independência do Brasil aconteceu no dia 07 de setembro de 1822 e foi resultado do desgaste das relações a partir da Revolução do Porto de 1820. Foi iniciada em Portugal e reivindicava o retorno do Rei português.

Com o retorno de Dom João VI para Portugal, Dom Pedro foi colocado como regente do Brasil.

O grito da independência se de fato tiver acontecido, ocorreu nas margens do Rio Ipiranga, no dia 07 de setembro de 1822.

Houve conflito após a declaração de independência na Bahia, no Pará e no Maranhão.

Instalado no Rio de Janeiro, o Rei português autorizou a abertura dos portos e permitiu o comércio entre os brasileiros e ingleses para a economia.

A presença da família real no Brasil havia proporcionado grandes avanços, mas ainda assim, havia demonstração de insatisfação no Brasil.

A relação da corte portuguesa com as autoridades brasileiras permaneceu irreconciliável e prejudicial aos interesses dos brasileiros.

Ordens de Lisboa chegavam ao Brasil com mensagem que o retorno de Dom Pedro para Portugal deveria ser imediato.

Além disso, anunciavam-se o fim de uma série de medidas em vigor no Brasil.

Dom Pedro que chegava em viagem a São Paulo.

O mensageiro chamado Paulo Bregaro, alcançou a comitiva de Dom Pedro, na altura de São Paulo, quando estavam próximos do Rio Ipiranga.

Ali surgiu o grito de Independência.

E foi ali
A margem do rio Ipiranga
O rapazinho, brasileiro
Assim o chamavam
Sem o devido respeito
De repente ao meio
Da estrada
ELE encontra seu lugar
E mostra a que veio
Quebrar correntes invisíveis
Os laços apertados
De PORTUGAL ao
Seu amado Brasil
Proclama agora
BRASIL para sempre
Separado de PORTUGAL
Viva a liberdade, viva o BRASIL
Foi assim que para a nossa sorte
O rapazinho tão falado
No dia 7 de setembro de 1822
DOM PEDRO!
Imperador do Brasil
Em seu cavalo, desembainha
Sua espada
E branda
INDEPENDÊNCIA ou MORTE
Liberdade ao BRASIL.

Vou contar uma história muito interessante.

O Sete de Setembro ficou marcado por diversos acontecimentos, inclusive pelo grito de Independência.

Mas buscaremos nesta história abordar a obra a Marquesa de Santos, escrita por Paulo Setúbal em 1925, a fim de analisar os processos de transposição para ficção da vida dos personagens históricos, ao examinar a constituição desse texto enquanto um romance histórico acontecia.

Conforme o título, esse romance visa retratar a história de Domitila de Castro e Melo, uma paulista que viria a se tornar a amante mais conhecida de Dom Pedro I do Brasil, elevada a uma quase oficialidade ao ser agraciada com o título de viscondessa e, posteriormente de Marquesa de Santos.

Paulo Setúbal, nasceu em 1 de janeiro de 1893 em Tatuí / São Paulo.

Desde o colégio já escrevia. Kursou Direito, conseguiu reconhecimento literário ao publicar uma de suas poesias em um jornal.

EDITAIS DE CULTURA

01/2022 - PRÊMIO LITERÁRIO PAULO SETÚBAL "CONTOS, CRÔNICAS E POESIAS", DE ABRANGÊNCIA NACIONAL - ANO COMEMORATIVO AO CENTENÁRIO DA SEMANA DE ARTE MODERNA DE 1922

O Prêmio Literário "Paulo Setúbal" recebeu inscrições no período de 28 de fevereiro a 14 de abril, de forma virtual. A Comissão Organizadora computou 1.534 inscrições, provenientes de 349 cidades dos 25 estados e Distrito Federal. O certame literário somente não recebeu inscrições do estado do Acre, e somou 70 inscrições da cidade de Tatuí, que, além de estarem sendo apreciadas para os primeiros, segundos e terceiros lugares, ainda podem ser agraciados com o Prêmio Galardão. Na modalidade de contos, foram contabilizadas 545 inscrições; crônica, 313 inscrições; e poesias, 676 inscrições.

Os troféus do Prêmio Literário Paulo Setúbal, criados em 2019, são feitos em latão polido (ouro) para os contemplados em primeiro lugar; os segundos lugares recebem o troféu em alumínio polido (prata);

e os terceiros lugares, em latão patinado de castanho (bronze) - todos personalizados com base de granito e plaqueta em latão com o nome dos vencedores gravados.

02/2022 - CONCURSO PAULO SETÚBAL - LITERATURA E ARTES VISUAIS - "O SETE DE SETEMBRO" (1822-2022) INSPIRADO NA OBRA "NOS BASTIDORES DA HISTÓRIA", DE PAULO SETÚBAL

Sobre o tema: o concurso deste ano tem como tema "O SETE DE SETEMBRO" (1822-2022) INSPIRADO NA OBRA "NOS BASTIDORES DA HISTÓRIA". Em 2022, será comemorado o bicentenário da Independência do Brasil, que em 7 de setembro de 1822, foi proclamada pelo Imperador D. Pedro I, às margens do rio Ipiranga, o que permitiu que o Brasil se consolidasse como uma nação independente.

Paulo Setúbal, no capítulo dedicado ao "O Sete de Setembro", apresenta relatos sobre a cena do Ipiranga, os momentos que motivaram D. Pedro I a sair da corte, em pessoa, e seguir de



vila e m vila. Descreve seu retorno de Santos e as cartas rece-

bidas da corte que o motivaram às margens do Ipiranga, em cena não descrita no quadro de Pedro Américo, a quebrar as relações com Portugal e proclamar a Independência do Brasil.

Sobre o livro NOS BASTIDORES DA HISTÓRIA – 1928: livro de dados arduamente pesquisados, no desenrolar de episódios que parecem, às vezes, ultrapassar as raias da imaginação, vividos por personagens absolutamente reais e que, entretanto, o autor os recria com habilidade do perfeito ficcionista, dessa forma, com brilho incedível, a época imperial por que passou o Brasil.

Sobre a medalha: elaborada para as comemorações do bicentenário da Independência do Brasil. Criada exclusivamente para o certame, com duas faces, pelo especialista em marcas Rodrigo Villa. A face frontal apresenta o texto "Bicentenário da Independência do Brasil (1822-2022)" em volta da imagem de D. Pedro I. O verso trás os dados do certame: "20º CONCURSO PAULO SETÚBAL- LITERATURA E ARTES VISUAIS" - o capítulo histórico "O SETE DE SETEMBRO" e a obra do escritor Paulo Setúbal "NOS BASTIDORES DA HISTÓRIA" - publicada em 1928 como contos históricos. A face ainda descreve:



"MUSEU HISTÓRICO PAULO SETÚBAL", o equipamento responsável pela organização do certame e a cidade de TATUÍ, o Estado de SÃO PAULO e a federação BRASIL, todas essas informações envolvidas pelo mapa de nosso País.

03/2022 - 2º FESTIVAL DE ARTE E CULTURA - SELEÇÃO E PREMIAÇÃO DE PROPOSTAS ARTÍSTICAS E CULTURAIS

O 2º Festival de Arte e Cultura de Tatuí, repetindo o sucesso de sua primeira edição, realizada em 2021, tem por finalidade selecionar e premiar propostas artísticas e

culturais, nas mais diversas linguagens, para apresentação presencial ou com finalidade de exibição em plataformas digitais que podem ocorrer no período de agosto a dezembro de 2022.

O Edital de Cultura recebeu inscrições de 2 de maio a 20 de junho e, em 2022, foi destinado a salvaguardar os 85 anos de falecimento do escritor tatuiano Paulo Setúbal, que ocorreu no dia 4 de maio de 2022, Dia Municipal da Literatura Tatuiana, em meio ao qual a 80ª Semana Paulo Setúbal salvaguarda os 85 anos da Memória do Escritor Tatuiano.



CONTEMPLADOS PELO EDITAL DO 2º FESTIVAL DE ARTE E CULTURA DE TATUÍ

NOME DO PROPONENTE	MANIFESTAÇÃO ARTÍSTICA	NOME DO PROJETO
Alessandra Carlos Gonçalves	teatro	A PRESENÇA DA AUSÊNCIA
Aline Ferreira Costa dos Santos	dança	"XOTE OU BAIÃO, EIS A QUESTÃO!"
Amanda Antunes Barbosa	música	EP RUBY WOO
Ana Cristina Silva Machado	dança	CURUMIM QUE DANÇA PRESERVA SUA MEMÓRIA E AS TRADIÇÕES CULTURAIS
Binho Vieira	artes visuais	TIJOL - UM MOVIMENTO ARTÍSTICO BASEADO NOS TIJOLOS BAIANOS
Carlos Henrique de Paula Ribeiro	música	A MÚSICA DE CÂMARA NA REPRESENTAÇÃO DO CENTENÁRIO DA SEMANA DE ARTE MODERNA
Celso Veagnoli	música	"HOMENAGEM A MILTON NASCIMENTO"
Dagma Eid	música	ARS DE PULSATIONE
Diego Wilian do Nascimento Ramos	arte urbana	"AINSA" - EXPOSIÇÃO SOLO DIEGO DEDABLIO
Elda Cossia	audiovisual	PENÉLOPE, NOS BASTIDORES DA CHARMOSINHA
Elvis Mendes Leal	música	GRAVAÇÃO RIMAS, BATIDAS & CONSCIÊNCIA
Emerson Henrique Dias Pontes	dança	URBANIZANDO ARTE - UM MANIFESTO DE RUA
Esmeraldo Donizete da Silva	cultura de tradição e raiz	CANINHA VERDE - TRADIÇÕES MUSICAIS DE NOSSA TERRA P IMPROVISOS E VARIAÇÕES
Fernando Foster Soares	música	GRUPO DE VIOLA ALMA CABOCLA
Fernando Ribeiro Goivinho	teatro	CONFITEOR DE PAULO SETÚBAL
Giovana Nunes Garcia Ribeiro	música	MENU DEGUSTAÇÃO: MINIATURAS MUSICAIS DE AUTORES BRASILEIROS!
Ivanilda Maria Rodrigues Gama	música	DUO GAMA EM CLÁSSICOS DA MÚSICA BRASILEIRA
Jessé Jackson de Souza Ramos	música	DO TEMPO DE SETÚBAL- POEMAS E CANÇÕES
José Adilson Idro Oliveira	cultura de tradição e raiz	OS TROPEIRINHOS DO RANCHO
Leticia do Carmo Nunes	música	CANTO DE RAINHA - CEM ANOS DO CANTO NEGRO DE DONA IVONE LARA
Liliana Rosa dos Reis	artes visuais	ARTE NA RUA: DEVANEIOS
Luis Fernando da Silva Pinto	dança	TÊM UM COCO NO MEU FORRÓ?!
Mabel Zattera	contação de história	CONTAÇÃO DE HISTÓRIA TICO-TICO NO FUBÁ
Maria Cristina Siqueira	audiovisual e literatura	"ERA TANTA TERNURA QUE VIROU DOCE"
Maria Inês de Camargo Machado	música	NOITE DA SERESTA COM TERNURA
Mariana da Paixão Leme	música	LIVE SESSION DE LANÇAMENTO: PACÍFICO (PILOTO) - LUIZA GAIÃO
Mayara Cristina Silva de Almeida	música	MAYARA RIOS CANTA DORIVAL CAYMMI
Natália Domingues de Campos	música	JAZZ E BOSSA
Nicolás Mariano Noya	artes visuais	FACES DA TERRA
Nicoli Cristina Montanaro de Oliveira	música	VIBRASOMA
Paula Fernanda de Moura Cleto	teatro	"SALADA COMPLETA"
Paulo Flores	música	MÚSICOS SEM FRONTEIRAS - DUO FLORES BARDEN
Paulo Vitor Santiago	teatro	STAND UP - VEJA PELO LADO BOM
Rafael Henrique Oliva Braz	audiovisual	VIS DIVINA
Renata Ramos	artes visuais	OS ENCANTADOS
Ricardo Hiroaki Oba	arte urbana	A ARTE DAS RUAS 3º EDIÇÃO
Rivaldo Nogueira	audiovisual	OS DEUSES DE HOJE
Talita de Oliveira Camargo	música	BRINCADEIRAS MUSICAIS
Thiago de Castro Leite	teatro	A INCOMUM ARTE DE NÃO PRESTAR PRA NADA
Zacarias Camargo	cultura de tradição e raiz	CURURU - UM CANTO DE IMPROVISO

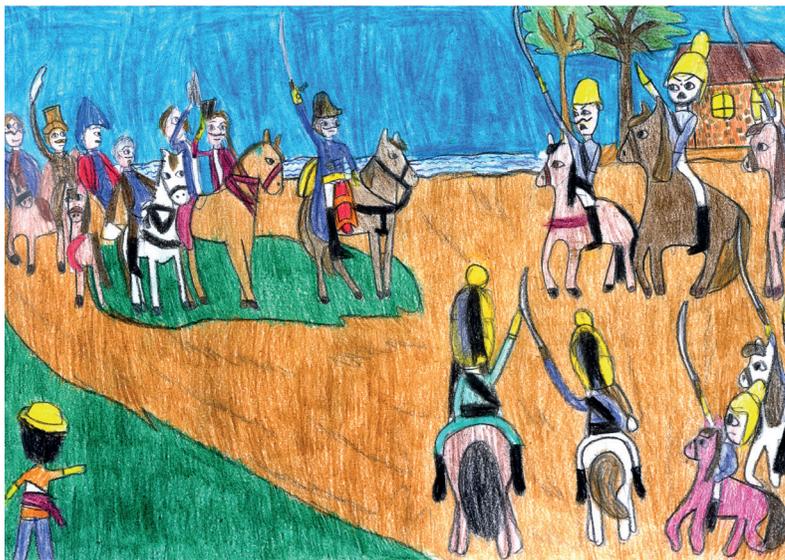
3º, 4º e 5º ano

1º LUGAR: ANA IZABELLY BRITO GARBIN

Emef "Professora Teresinha Vieira de Camargo Barros"

Diretora: Ana Paula Camargo Bonassoli

Professora contemplada pelo edital: Angélica Prestes Ferreira Camargo

**2º LUGAR:** YAGO RAFAEL RIBEIRO MODESTO BUENO

Emef "Professora Maria Eli da Silva Camargo"

Diretora: Maria Aparecida de Almeida

Professora contemplada pelo edital: Elis Regina Prestes Barbosa

**3º LUGAR:** AIME VITÓRIA RODRIGUES LIMA

Emef "Professor Accácio Vieira de Camargo"

Diretora: Miriam Lopes de Oliveira Rodrigues

Professora contemplada pelo edital: Maria Elaine Bueno Gurgel



1º e 2º ano

1º LUGAR: CLARA LIS PRESTES DE PAULA

Emef "Firmo Antonio de Camargo Del Fiol"

Diretora: Elenice da Mota Couto

Professora contemplada pelo edital: Marisa Aparecida de Oliveira Fernandes

**2º LUGAR:** ISABELA FURTADO SOARES

Emef "Professora Sarah C. V. dos Santos"

Diretora: Maria Ester Gaspar do Nascimento

Professora contemplada pelo edital: Ana Cláudia Cândido Silveira

**3º LUGAR:** GABRYELLA VITÓRIA INÁCIO FERREIRA

Emef "Professora Magaly Azambuja de Toledo"

Diretora: Regina Estrela Abreu Delarole

Professora contemplada pelo edital: Adriana Correa Camargo

